

### **Armação**

Gosto da natureza  
porque ela é uma beleza.

Moro na Armação  
e lá,  
no verão  
tudo é diversão.

Quando brinco na areia,  
vejo uma sereia.

Quando chega o carnaval,  
lá tudo é festival.

Tem sol e mar  
e é legal de brincar.  
Esta é a Armação  
do meu coração.

Amanda Bressan Fogaça  
1ª série A

### **O Sertão do Maruin**

O Sertão do Maruin  
é a minha terra,  
onde tem muito capim,  
onde tem muito boi,  
e tem muito cavalo,  
e nunca tem fim.

Pablo de Souza  
1ª série A

### **Onde mora a felicidade**

O bairro Trindade  
fica bem perto da Universidade

O bairro Trindade  
é o lugar onde mora a felicidade

Vitor Volpato Goulart  
1ª série A

---

Semanalmente é realizada em sala de aula a “Roda da Poesia”, onde os alunos lêem e ouvem poesias de diversos autores e produzem suas próprias poesias. Nessa ocasião foi proposto às crianças que escrevessem sobre o bairro onde moram.

Mariza Konradt de Campos  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## Imaginação

Como é bom usar a imaginação.  
Para brincar basta usar a imaginação.

Como é legal  
Usar bola, carrinho e pião.

Meus avós já brincavam de montão.  
Hoje eu brinco disso com meu irmão.

André Oliveira e Silva Sampaio  
1ª série A

---

Esta poesia foi escrita em sala de aula na “Roda da Poesia”, que é realizada semanalmente, após a realização de um trabalho de pesquisa sobre as brincadeiras que os avós brincavam quando crianças.

Mariza Konradt de Campos  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## O legal e o ilegal deste ano I

Foi legal ter tido uma professora como a Mariza.  
O ilegal é não ter todas as professoras como ela.

Legal foi ter conhecido vários amigos.  
O ilegal foi saber que nem todos os amigos são legais.

Legal foi ter levado o Nemo e o Neminho para casa.  
O ilegal foi não poder levar eles todos os dias para casa.

Foi legal ter lido muitos textos.  
O ilegal foi saber que nem todos gostam de ler.

Foi legal ter ido à brinquedoteca.  
O ilegal é que na brinquedoteca nem todos se comportam.

Foi legal ter ido à biblioteca.  
O ilegal é que alguns colegas gritam.

Foi legal ter feito várias viagens de estudo.  
O ilegal é que alguns colegas não se comportam.

Foi legal ter apresentado a peça “Balãozinho brincalhão”.  
O ilegal foi não podermos apresentar o teatro na SEPEX.

Foi legal poder ir à SEPEX.  
O ilegal foi não poder ir todos os dias.

Foi legal estudar no Colégio Aplicação, os professores são tão legais.  
O ilegal é saber que muita gente quer estudar neste colégio e não tem oportunidade.

Alice Mendes  
1ª série A

## **O legal e o ilegal deste ano II**

Legal: Fazermos sete viagens de estudo. A que mais gostei foi a do Zoológico.

Ilegal: Foi a 2ª série ter batido muitas palmas e ter feito muita bagunça no CIC quando fomos ver o filme “Mãe virei um peixe”.

Legal: As festas: do dia das mães, gostei muito da dança de rua e das comidas.

Festas das Nações: gostei de ter levado minhas tias, primas e mais amigos.

Festa Julina: gostei de participar da quadrilha.

Ilegal: Foi não poder ter ficado até o final das festas.

Legal: Na Páscoa o coelhinho teve na nossa sala e deixou pistas para encontrarmos nossa cestinha. E também fizemos uma cestinha para as crianças necessitadas.

Ilegal: Não ter visto o coelhinho.

Legal: Olimpíadas do CA: Ter participado de todos os jogos e ter ganhado uma medalha.

Ilegal: Foi ter me machucado no primeiro dia das olimpíadas e não ter ficado na equipe da professora Mariza.

Legal: A construção da nossa casa de caixa de leite.

Ilegal: Não terem ido todos os pais ajudar na construção da nossa casa de caixa de leite.

Legal: Feira do livro do Shopping Beira-Mar. Foi legal ter visto um monte de livros.

Ilegal: Não ter comprado todos os livros que eu queria.

Legal: Ter mostrado a nossa trilha para meu pai, e juntos termos plantado a árvore de pau-brasil.

Ilegal: Não ter visto o paraíso.

Legal: Ter conhecido o Nemo e ter ficado com ele alguns dias.

Ilegal: Não poder ficar com ele mais tempo.

### O legal e o ilegal deste ano III

Foi legal botar na água os peixinhos que se abriam e apareciam os nossos nomes e nos apresentarmos.  
Não foi legal que ficamos esperando a colega Bruna.

Foi muito legal conhecer os colegas.  
Não foi legal ler devagarzinho para acompanhar a turma.

Foi legal ir à Camboriu como nossa primeira viagem de estudos.  
Não foi legal que eu nunca ganhei no bingo (só na Festa Julina).

Foi legal ter construído a nossa casa de caixas de leite.  
Não está sendo legal que ela está quase caindo.

Foi muito legal ter a Gláucia como ajudante da professora.  
Não foi legal que a Gláucia não entrou no início do ano.

Foi legal ter o Nemo.  
Não foi legal que o Nemo machucou o olho.

Foi muito legal ficar na equipe verde junto com a professora, ganhar o troféu e ter ficado em primeiro lugar.  
Não foi legal que a Tayná não ficou na equipe verde.

Foi legal ter ganhado a agenda bonita, o dicionário e os livros de Matemática e Alfabetização.  
Foi legal ter ido ao laboratório.  
Foi muito legal ter aula de artes.  
Foi muito legal ter aulas de Educação Física (aprendi a andar de perna de pau).  
Foi legal participar da SEPEX e ganhar elogios.

Foi legal ter ido ao forte São José da Ponta Grossa.  
Não foi legal subir aquele subidão.

Julia Juchem Ramos  
1ª série A

Com o objetivo de fazer a avaliação das atividades desenvolvidas durante o ano letivo, foi proposto às crianças que produzissem um texto relatando o que acharam legal e o que não foi legal neste ano.

Mariza Konradt de Campos  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## **Livro do Espaique**

Este caderno pertence a 1ª série B. Neste registraremos as histórias de nosso mais novo mascote “Espaique”.

A turma da primeira série B resolveu na sexta-feira dia 17/09/04, adotar um cachorrinho de pelúcia ao qual nomeamos de Espaique. Este cachorrinho mora em minha casa. Porém resolvi trazê-lo para a escola para fazer algumas visitas a cada aluno da turma. Estas visitas serão registradas neste caderno. Cada aluno que levar o Espaique para casa terá que escrever: o que ele fez em sua casa? Onde ele foi? Se ele passou? O que comeu?

Em minha casa, o Espaique faz muitas estripulias. Adora assistir desenhos animados, gosta de passear no shopping, na praia e a algumas vezes vai até a casa da minha sobrinha, que se chama Ana Tereza. O Espaique toma banho, duas vezes por semana, porém quando está muito sujo, ele vai ao banho mais que duas vezes por semana.

Vou me despedindo, pedindo para que vocês cuidem bem do Espaique. E não esqueçam de registrar, a lápis, tudo o que ele fez em suas casas.

Beijos

Professora Andréia de Bem Machado

Florianópolis, 20 de setembro de 2004.

Hoje o Espaique veio para minha casa. Saindo da escola eu e o Espaique viemos de transporte.

Chegando em casa apresentei o Espaique para minha mãe e para meu irmão. Meu irmão não quis mais largar. Dei comida para ele. Depois botei o Espaique na cama. Eu e o Espaique brincamos e depois comemos. A gente foi para o colégio.

Beijos para o Espaique  
Nunca vou te esquecer

Vitória Teixeira dos Santos

Florianópolis, 23 de setembro de 2004.

Eu e o Espaique fomos de carro para a minha casa. Fui mostrando o caminho para ele. Quando chegamos na minha casa eu mostrei para o meu irmão, ele deu um monte de abraços do Espaique. Logo depois fui jantar. O Espaique sentou na cadeira e comemos feijão. O Espaique se comportou muito bem. Eu tomei banho e ele ficou me olhando. Boa noite! Agora nós vamos dormir. Até amanhã.

Eu fui tomar café da manhã e o Espaique foi junto. Eu e o Espaique brincamos. Ele olhou eu jogar um jogo. Nós vimos TV debaixo da coberta e ele viu eu tomar banho.

Beijos para o Espaique. Eu adorei ficar com o Espaique.

Maria Eduarda de Moraes Sirydakís

Florianópolis, 26 de setembro de 2004.

Eu e o Espaique fomos para o centro, para a escola da minha mãe. Chegamos em casa às 8:00 da noite. Agora vamos jantar. Quando chegamos dei banho no Espaique. Quando acordamos fomos tomar café e depois escovamos os dentes. Brincamos e ajudamos minha mãe a lavar louça, de manhã. Eu e o Espaique fomos para o mercado e o Espaique adorou. Quando acordamos fomos tomar café. Depois escovamos os dentes. Agora vamos brincar, agora vamos jantar. Fomos dormir. Quando acordamos assistimos televisão. Eu e o Espaique estamos sozinhos, minha mãe foi para a escola e o meu pai está trabalhando. Agora está na hora de estudar. Foi muito legal ficar com o Espaique.

Nathan Vinícius Padilha



Florianópolis, 27 de setembro de 2004.

Eu e o Espaique saímos da escola e fomos na casa da minha vó. O meu primo Felipe estava lá. O Felipe tem 17 anos, mas não largava o Espaique. Saímos da casa da minha vó e fomos pegar minha mãe no serviço. Ela também adorou o Espaique. Às 19h 30 chegamos em casa. Fui ver um pouco de TV e depois fui contar piadas para o Espaique. A minha mãe fez uns curativos no Espaique, pois estava com um ferimento. Quando eu fui fazer os deveres, o Espaique ficou incomodando para brincar. Após os deveres fomos lanchar. O Espaique estava com tanta fome que comeu 3 bolachas e bebeu um copo de suco, em segundos. Assistimos um pouco de TV e fomos dormir abraçadinhos. Quando acordei o Espaique não estava na cama, dei uma olhadinha melhor e ele estava debaixo da cama. Então tirei ele do chão e fomos dormir mais um pouco, mas não deu, o meu vizinho não deixou, ele fazia muito barulho. Tomamos Nescau e fomos brincar. No almoço não estava com muita fome, porém comeu toda a sobremesa. Na hora de ir para a escola o Espaique adorou andar de Van. Espero que em breve o Espaique volte na minha casa.

Natalia Dias Goulart

Florianópolis, 29 de setembro de 2004.

Quando o Espaique chegou na minha casa, ficou muito feliz logo que entrou no engenho. Meu pai estava dando aula de cerâmica. O Espaique ficou com tanta vontade que resolveu também fazer aula, modelou a argila e fez um ursinho. Espaique ficou emocionado e disse: olha o que eu fiz, um boneco.

Depois fomos ao comício, junto com meu pai e com minha mãe, também meu tio Néri, que pinta quadros, a Juana e a Valeria e a Tia Edna. Espaique gostou muito do passeio. Quando fomos embora estava muito frio e o Espaique me esquentou. Depois que chegamos em casa dei água e ração para ele. O Espaique adorou e me abraçou e fomos dormir.

De manhã eu e Espaique tomamos café e depois fomos ver televisão.

Iara Gaia de Andrade

Florianópolis, 30 de setembro de 2004.

Quando estávamos indo para casa fui mostrando o caminho para o Espaique. Também mostrei o meu ex-colégio e no caminho Espaique dormiu. O Espaique ficou me esperando na cama e depois fomos comer e depois fomos dormir. Quando acordamos fomos tomar café e depois fomos ver TV. Agora é a hora de fazer os deveres e ajudar a mamãe. O Espaique adorou dormir no beliche.

Carol Gómez

Florianópolis, 30 de outubro de 2004.

Ontem o Espaique veio para a minha casa. Quando eu cheguei da escola eu fui na casa da minha avó e o Espaique foi junto. Ele dormiu no bebê conforto.

Ontem eu fiz uma reunião dos bichos e o Espaique participou.

Isabela Grudtner Auras

---

Os registros feitos pelas crianças da 1ª série B, são da primeira visita do Espaique as suas casas. Porém, as crianças estão levando-o pela segunda vez, mas como está encerrando o ano, os registros ficarão para uma nova versão do livro. No dia 30/11/2004, vamos fazer o sorteio do Espaique.

Os registros dos alunos aparecem na íntegra, como foram escritos.

Andréia de Bem Machado  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## Um passeio a Santo Antônio de Lisboa

No dia 15 de junho de 2004, nós da 1ª série B, fomos visitar um engenho de farinha, em Santo Antônio de Lisboa. Lá, fomos recebidos pelos pais da Iara, o Cláudio e a Irene.

Quando chegamos ao casarão dos Andrades, o Cláudio nos mostrou o casarão por dentro, os quadros sobre Florianópolis antiga e as esculturas de santos, feitas por ele.

Em seguida, sentamos em volta de umas tábuas para trabalharmos com argila e registramos a nossa visita ao engenho de farinha nas plaquinhas de argila.

Na hora do lanche, a Irene colocou as esteiras no gramado para nós lancharmos e brincarmos.

Depois do lanche fizemos um alegre, divertido e inesquecível passeio de carro de boi.

Logo após, fomos conhecer o engenho de farinha. Lá nós vimos o boi com antrolhos nos olhos, para não se assustar e não ficar tonto.

Vimos também o forno de farinha e o pilão para socar os grãos de café. Nós achamos o casarão muito bonito, pois foi construído no ano de 1.860, em estilo açoriano.

No passeio, fomos acompanhados pelas professoras Izabel Cristina, Maria Luísa e pela Tatiane e também tiramos muitas fotos bonitas.

Esse passeio estudo a Santo Antônio de Lisboa foi muito legal, porque, aprendemos muitas coisas diferentes e nunca iremos esquecer.

Texto coletivo

1ª série B

---

Este texto foi criado coletivamente pela 1ª série B, de 2004, após um passeio-estudo ao “Casarão dos Andrades” em Santo Antônio de Lisboa, de propriedade do Cláudio, pai da aluna Iara.

Neste passeio-estudo estiveram presentes a professora regente Izabel Cristina, a professora Maria Luiza e a estagiária Tatiane.

Depois da criação de texto, o mesmo foi transformado em livro e lançado pela 1ª série B.

Izabel Cristina Vieira de Oliveira  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## Como cuidar melhor de um animal

Vimos um filme que falava sobre animais. Ele nos ensinou que antes de ter um animal em casa devemos observar o seu comportamento: se ele é quieto, brincalhão, calmo, etc. Assim, podemos escolher o melhor lugar para ele morar.

Ficamos sabendo que um animal fica raivoso quando permanece preso em uma corrente pequena e quando fica sozinho.

É necessário dar água fresca e comida todos os dias, também é necessário levar para passear, visitar o veterinário e dar banho.

Não devemos encarar os animais nos olhos, nem mexer em seus brinquedos, em sua comida ou em seus filhotes. É proibido tocar nos animais sem a permissão do dono e também cutucar, tocar neles ou gritar quando estão dormindo.

Existem algumas dicas para se proteger do ataque de um animal. Se ele chegar perto, fique parado como um poste e proteja o rosto. Mesmo se você cair ou se ele der uma mordida, permaneça parado e continue protegendo a nuca e o rosto com as mãos.

Ana Luiza Chimomura Spinelli  
2ª série C

---

Texto elaborado a partir do vídeo educativo “Criando um amigo”, elaborado pelo Instituto Nina Rosa. Esse vídeo apresenta às crianças os cuidados que devemos ter antes de levar um animal para casa, dá algumas dicas para que os animais domésticos vivam com bem-estar e mostra como podemos nos proteger no caso de um ataque.

Teresinha Idalina Bravo  
Sílvia Maria Martins  
Professoras-orientadoras/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## **Reserva Estadual da Serra do Tabuleiro**

O nome da serra teve origem quando os primeiros visitantes escalaram a montanha e viram que tinha uma parte plana parecida com um tabuleiro.

Nessa viagem vimos algumas plantas que fazem parte da restinga como: mangue-formiga, bromélia, quaresmeira, vassoura-vermelha, araçazeiro, goiabeira, taboa, pitangueira, coqueiro, jambolão e outros...

Ao contrário dos zoológicos, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro os animais vivem soltos e pudemos ver pegadas e fezes de animais durante toda a caminhada pelo parque.

Os animais que vimos foram: ema, capivara, anta, jacaré do papo-amarelo, ratão-do-banhado, puma, bugio-ruivo, arara e outros.

Durante a caminhada pela trilha ouvimos a lenda sobre o gigante da montanha. Essa lenda conta que quando alguma pessoa faz algo de errado com a natureza o gigante levanta-se e vai defendê-la.

Nessa viagem aprendemos a importância de respeitar e preservar as plantas e os animais.

Giulia Birollo Alberton  
Maria Eduarda Nogueira Jasper  
Franciely Martendal Pereira  
Rafael Machado  
2ª série C

Durante o ano letivo realizamos viagens de estudos que tinham por objetivo mostrar às crianças a necessidade e a possibilidade de preservarmos os ecossistemas; mas principalmente de compreender que o lugar dos animais não é atrás de uma jaula e longe de seu habitat.

Teresinha Idalina Bravo  
Sílvia Maria Martins  
Professoras-orientadoras/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## **Lagoa da Conceição**

O bairro da Lagoa da Conceição fica na Ilha de Santa Catarina, lá é um lugar muito bonito, movimentado e tem dunas também.

Na Lagoa há muitas lendas sobre bruxas e os moradores mais antigos gostam muito de contar histórias. Uma delas é para explicar o surgimento da Lagoa da Conceição e da Lagoa do Peri. Diz a lenda que antigamente uma moça chamada Conceição e um índio chamado Peri se apaixonaram, mas a família deles não permitiu o casamento. O Peri e a Conceição choraram muito com a separação e suas lágrimas formaram duas lagoas: a Lagoa do Peri e a Lagoa da Conceição.

Antigamente, tudo era mais difícil, não havia energia elétrica e o engenho de farinha de mandioca era movido por um boi. Para ir ao centro de Florianópolis as pessoas iam andando até o Córrego Grande.

Hoje em dia o bairro recebe turistas de vários lugares. Eles vêm conhecer as belezas da Lagoa da Conceição.

Gabriel da Silveira  
Ana Cristina Nicolau da Silveira  
Bruno Ferreira da Silva  
Camila Heinz Mannes  
2ª série C

---

Os alunos da 2ª série C realizaram viagens de estudos em diversas localidades do município de Florianópolis. Essas viagens tiveram por objetivo conhecer a história local a partir do relato de moradores mais antigos para poder compreender e comparar as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

Teresinha Idalina Bravo  
Sílvia Maria Martins  
Professoras-orientadoras/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## O homem e a natureza

Este é o Planeta Terra e é aqui que vivemos. Mas para viver bem nele, temos que cuidá-lo. Por exemplo: não jogar lixo nas águas, não desmatar as florestas e não poluir o ar.

O homem vem tentando descobrir os segredos do Universo, mas isso vai demorar, porque a tecnologia ainda não está muito avançada.

O homem está desmatando e poluindo a natureza, mas se colaborarmos, poderemos impedir esse ato.

Precisamos viver num planeta saudável, preservando o meio ambiente, educando o homem a viver em harmonia com a natureza e a vida animal.

Artur Sabino de Andrade  
3ª série C

## Planeta Terra

Para ter vida no Planeta Terra, precisa ter oxigênio e água. Por isso o homem não pode destruir as florestas, pois são elas que produzem o ar que respiramos.

As pessoas devem preservar o meio ambiente para terem uma vida saudável.

O desmatamento, a poluição dos rios, o lixo nas ruas, os esgotos das fábricas, a fumaça dos carros, etc...Todas essas coisas são problemas que podem prejudicar o meio ambiente.

E a solução para esses problemas é fazer com que as pessoas tenham uma boa educação desde criança.

Com isso, todos os seres vivos podem viver em harmonia e poderemos ter um Universo melhor.

Gabriel F. da Silva  
3ª série C

---

Texto elaborado sobre a importância da preservação do Planeta Terra, o planeta em que vivemos.

Matilde Maria Zanotto Azevedo  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

*Sobre*

---

*Tudo*

---

## **Feliz Aniversário Floripa**

Dia 23 de Março, Florianópolis comemorou 278 anos de vida.

Florianópolis era uma vila e foi crescendo e recebendo população.

Depois começaram a aparecer edifícios, carros, shoppings, etc.

A cidade tem muitas praias e pontos turísticos. Ela é conhecida como Ilha da Magia e também Terra de Sol e Mar.

Na Ilha temos boi-de-mamão, carnaval e rendeiras. Quanta alegria!

A ponte Hercílio Luz ficou pequena para tantos carros. Mais tarde fora construídas mais duas pontes: a ponte Colombo Salles e a Pedro Ivo Campos.

Apesar dos problemas de uma cidade grande, Florianópolis continua linda. Parabéns Floripa pelos seus 278 anos.

Mateus Machado Ebenriter  
3ª série C

---

Texto em homenagem aos 278 anos da cidade de Florianópolis.

Matilde Maria Zanotto Azevedo  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004



### **Brincando de crianças**

Drin, drin, drin, bateu o sinal para todas as crianças saírem e brincarem bastante.

As crianças brincam de amarelinha, roda, bolinha de gude, pião, pula-corda e bicicleta.

Drin, drin, drin, bateu o sinal para entrar.

Júlia Ferreira

3ª série C

---

Texto elaborado a partir de discussões sobre o resgate das brincadeiras infantis.

Matilde Maria Zanotto Azevedo  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

*Sobre*

---

*Tudo*

---

### **As borboletas**

A borboleta é um animal que voa e tem lindas cores em suas asas.

Ela voa, brinca e se diverte muito. Adoram voar pelas lindas flores, principalmente quando o céu está azul e com o sol brilhante.

As crianças adoram as lindas borboletas. Elas correm atrás delas e brincam muito.

Mariana Silva de Souza  
3ª série C

---

Cada aluno escolheu um assunto de sua preferência. Depois escreveram sobre o tema.

Matilde Maria Zanotto Azevedo  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## Eu amo eles

Bom, para começar, eu nasci dela, e só pra dizer eles me fizeram.

Os meses e anos foram passando e eu me tornei muito mais amiga deles (meu pai e minha mãe).

Hoje eu ajudo-os e eles me ajudam até nas horas mais difíceis. Mesmo se acontecer alguma coisa, sempre seremos amigos. Até o meu cachorro é o meu amigo, mesmo se ele late muito.

O que eu mais admiro neles é a sinceridade e o carinho que eles tem por mim e eu por eles.

Eles moram no meu coração.

Ana Cristina  
3ª série C

---

Texto elaborado a partir da descrição do melhor amigo. Depois escreveram sobre a importância da amizade em suas vidas.

Matilde Maria Zanotto Azevedo  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## **A misteriosa lenda do Lago Ness**

Trabalho na área de pesquisas do laboratório Jonhsom Menton. Meu nome é Wilson. Tenho um parceiro muito fiel, ele é como um segundo irmão, meu braço direito. Nossa missão era de pesquisar o chamado “Monstro do Lago Ness”.

Esse monstro era o maior do mundo, o de mais comprimento e altura e não deixava de ser o mais pavoroso. Não se sabia se as pessoas que o visitavam, voltavam ou desapareciam.

Chegou o dia da minha viagem. Confesso que senti muito medo, mas como era o meu trabalho tive que ir. Percebi que meu colega também estava com certo frio na barriga. Quando chegamos o medo aumentou. Estávamos com todos os equipamentos, mas mesmo assim pedi a Deus que me ajudasse e fiz o sinal da cruz, apertei a mão do meu amigo e lhe desejei boa sorte. Ele fez o mesmo e continuamos a caminhada.

Chegamos à beira do lago e mergulhamos e lá estava o “Monstro do Lago Ness”, procurei não pensar no pior, pensei na minha família, me acalmei e tirei a foto do monstro. Ele avançou e em uma mordida tirou a perna do meu parceiro, a mancha de sangue contaminava a água do lago, peguei uma faca e esfaqueei o monstro. Voltamos para a beira do lago e fomos direto para o hospital.

Depois de alguns minutos recebi a notícia que ele estava bem, meu coração aliviou, voltei para minha casa sabendo que eu e meu parceiro éramos os únicos a descobrir o monstro.

Thiago Novo da Cruz  
4ªsérie C

---

Neste ano as Séries Iniciais trabalharam como tema **Água**, dentro dessa temática lemos diversas lendas. Após essas leituras cada aluno escolheu a que mais gostou e produziu uma história sua baseada nessa lenda.

Carla Cristiane Loureiro  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

### A casa mal assombrada

Eu e meus amigos Fred e Chico fomos a uma casa mal assombrada, lá no morro, ninguém nunca morou lá ou perto.

Tomamos coragem e entramos, depois ouvimos um rugido assim:

– UUUUUUUU

– Quem fez isso? disse Fred.

– Temos que fugir daqui!

De repente, a porta se fecha, tentamos abri-la, mas não conseguimos.

– Será que tem um fantasma por aqui?

– Não sei – disse Chico.

Vimos uma porta escura, pegamos nossas lanternas para vermos melhor, abrimos a porta e vimos 50 crianças mortas. Levamos um susto enorme, então nós gritamos tão forte que os ecos foram ouvidos pela casa inteira.

Depois vimos fantasma com um machado ensangüentado e falou assim:

– Matarei um por um, há há há há!!

Vimos que ele estava na frente de um espelho e também uma perna. Tomei coragem e puxei seu lençol e vimos que era o meu tio.

– Tio o que você está fazendo aqui?

– Você se lembra que eu ia me mudar?

– Ah...naquele dia, sim, agora me lembro, mas e aquelas crianças que vimos?

– Deve ser sua imaginação, quando você estava com muito medo.

Gabriel Vendrame Jeremias

4ª série C

---

Durante o segundo semestre de 2004, os alunos da 4ª série C, trabalharam no Projeto Contos, projeto esse que visava contribuir com a melhoria da produção textual dos alunos. Uma das atividades desse projeto foi explorar diferentes gêneros de contos, neste caso os de terror. Lemos vários autores desse gênero e após essas leituras cada um produziu alguns textos.

Carla Cristiane Loureiro  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

## As células super poderosas

Na cidade do corpo da Sofia estão as maravilhosas células super poderosas: super célula Lindinha, super célula Florzinha e super célula Docinho, elas combatem o crime e os germes do mal. No capítulo de hoje a super célula Florzinha nos contará uma das aventuras células.

Num dia pacato, na hora do pacato almoço, apareceram os germes da gripe, então o senhor célula prefeito agarrou o contato que ele tinha para ligar para as células super poderosas. Então eu, super célula Florzinha, atendi a linha de comunicação e o senhor célula estava a ponto de morte.

– Socorro! O super germe da gripe está deixando todas as células a ponto de morte!

Ouvindo isso, as células super poderosas correram o máximo possível para destruir os germes da gripe. Chegando perto dos germes, começou a faltar ar para as super células, mas mesmo assim elas nunca abandonaram o corpo de Sofia.

Não foi nada fácil, no começo elas não conseguiam acabar com eles. Então, tiveram uma idéia: foram até o reservatório de vitamina C para colocar na boca dos germes e o planejado aconteceu.

E assim mais uma vez o dia foi salvo graças as células super poderosas.

Sofia Regis Gonzáles  
4ª série C

---

Esse texto foi feito na disciplina de Ciências. Após pesquisas sobre a função das células no nosso organismo, cada aluno foi convidado a produzir um texto de ficção onde as células seriam personagens principais.

Carla Cristiane Loureiro  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004

**Caro diretor**  
**Romeu Augusto Albuquerque Bezerra**

No mês de outubro fizemos um projeto chamado: *Eleição para o Prefeito do C.A.*, que foi motivado pelas eleições municipais.

Neste projeto criamos quatro ‘candidatos’ a Prefeito da escola, cada um com características e propostas diferenciadas.

Esses candidatos foram apresentados para as 3ª e 4ª séries, que depois votaram para ‘eleger’ um prefeito do C.A.

Independente do vencedor, esse trabalho foi feito para que pudéssemos perceber que realizar um trabalho sério no comando de uma cidade ou de uma escola é tarefa muito difícil, enquanto que elaborar propostas e criar ilusões é até simples. Depois da eleição avaliamos os resultados e todas as propostas. Percebemos que algumas são viáveis, outras são difíceis e há as impossíveis.

Aproveitamos a oportunidade para encaminhar à direção as propostas que consideramos possíveis de realizar, esperando que possam contribuir na sua gestão:

- Fazer mais um local para a distribuição de merenda de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio.

- Fazer uma quadra coberta para a Educação Física e atividades esportivas.

- Formar times de vôlei e futebol para alguns alunos do Colégio competirem com outras escolas.

- Livros novos para a biblioteca.

- Almoço no Colégio nos dias que tem aula no período oposto.

- Liberar o uso do uniforme na sexta-feira.

- Sala de informática para as séries iniciais com computadores bons.

- Sinais sonoros espalhados pelo Colégio (galpão, trilha, quadra, etc.), pois muitas vezes os alunos não escutam o sino.

- Materiais oficiais de Educação Física.

- Manutenção freqüente dos bebedouros.

- Parquinho maior.

- Grêmio Estudantil a partir da 4ª série.

*Sobre*

---

*Tudo*

---

- Oficinas com diferentes aulas como: bateria, guitarra e outros.
- Melhorar a merenda.
- Fazer grades em volta do “esgoto” que passa atrás da quadra e bambuzal.
- Fazer uma guarita para melhorar a segurança do Colégio.
- Materiais novos como: carteiras e cadeiras.
- Bar com alimentos bons e saudáveis.
- Melhorar as salas de recuperação de estudo.

Desde já agradecemos a atenção,  
Professora Carla Cristiane Loureiro e alunos da 4ª série C.

---

Esse texto foi produzido na conclusão do Projeto Eleição para o Prefeito do CA, que foi motivado pelas eleições municipais. Neste projeto criamos quatro ‘candidatos’ a Prefeito da escola, cada um com características e propostas diferenciadas. Ao final do projeto elaboramos coletivamente essa carta que traz as propostas consideradas possíveis de serem realizadas.

Carla Cristiane Loureiro  
Professora-orientadora/ Séries Iniciais  
Ensino Fundamental  
2004



### Sergipe, 19 de agosto de 2004.

Oi prof!!

Estou em Sergipe, já deu pra perceber, né? Nunca pensei que ia fazer tanta falta uma aula! Quando acordo, penso que já tenho de arrumar o material. Mas por um outro lado é bom relaxar!

Aqui tá tudo ótimo! E aí, como está? Como está o tempo?

Aqui está bem quente! Como sempre! Você precisa ver o hotel *chick* onde eu estou hospedada. Tem até champanhe no café da manhã! E a piscina então! É enorme! Fica bem na beira da praia. Que por sinal é linda!

E aí, como estamos nas Olimpíadas em Atenas? Nem tenho visto. Tô fazendo tanta coisa que nem dá tempo.

E as comidas são deliciosas: beiju, castanha de caju...e a jaca então! Nunca tinha comido, achei uma delícia, minha irmã é que não gostou muito.

Meus pais já tinham morado lá em Lagarto, uma cidadezinha no interior.

Estou com saudades, viu? Tchau!

Luna Cassel Trott  
5ª série B

### Paris, 29 de agosto de 2004.

Olá, professora:

Estou escrevendo do topo da Torre Eiffel, enquanto aprecio a maravilhosa vista.

Esta Torre é realmente muito grande vista de perto e todos os dias milhares de pessoas do mundo inteiro vêm visitá-la.

Além deste que é o ponto turístico mais conhecido da cidade, também já visitei o Louvre (um museu tão famoso quanto a Torre Eiffel). Nesse museu existem vários quadros bastante conhecidos pelo mundo, como o da Monalisa. A gente tem que andar muito para conhecer tudo, porque o museu é imenso.

Amanhã irei conhecer o Arco do Triunfo e vou aproveitar para passear pelas ruas da cidade, olhando as lojas e talvez até compre alguma coisa para levar de lembrança.



### Disney, 25 de agosto de 2004.

Professora Rosa Maria:

Aqui na Disney é muito legal, tem uns brinquedos iradíssimos. E, adivinha quem está aqui comigo? É o Nathan Carvalho. A gente acabou se encontrando aqui mesmo.

Também tem uns brinquedos monstruosos e, as comidas são arroz, feijão, batata frita, como aí no Brasil.

Eu estou num hotel chamado Gran Paraíso, onde tem piscina e os quartos são muito confortáveis. Falando nisso, o filho do dono do hotel fez a primeira série comigo no Colégio de Aplicação e por isso, o pai dele me deu um desconto. Aqui tudo é muito caro.

Até breve.

Nadine Schimidt Borges  
5ª. série C

---

Texto desenvolvido a partir do trabalho voltado para o gênero textual *Carta*. Após trabalhar toda a estrutura de uma carta, os alunos tiveram de criar uma situação inusitada, ou seja, fazer de conta que eles foram viajar para outro Estado ou País e de lá deveriam escrever uma carta para a professora, contando um pouco do local. O meio de comunicação foi o e-mail.

Rosa Maria Somavilla  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

**Florianópolis, 25 de agosto de 2004.**

Oi, professora Rosa Maria

Neste exato momento, estou escrevendo esta carta para falar um pouco do que eu gosto e como eu sou.

Ontem fui num dos lugares mais legais, o Beto Carreiro World. Foi toda a minha família, meu pai, minha mãe, meu irmão e eu. Foi muito legal e é uma das coisas que eu mais gosto de fazer.

Gosto também de jogar bola, apesar de ser menina . Gosto de macarrão, ir ao cinema, brincar de PS1 e, principalmente, de comer cachorro-quente com suco de limão ou de maracujá.

Minha mãe trabalha no João Paulo e o meu pai, no HU, no almoxarifado com o irmão dele que se chama César. Meu irmão estuda no Colégio de Aplicação também. Ele tem 16 anos, é muito extrovertido e folgado porque, às vezes, a gente está jogando PS1 e ele quer sempre o controle 1, não deixando eu ser.

Minha mãe já é bem velhinha, tem 34 anos, mas é super saudável e nem dá para perceber que ela tem essa idade. Eu diria que ela tem uns 25 anos. Meu pai é muito ansioso e brigão, por isso por qualquer razão ele já fica nervoso.

E eu sou bem extrovertida, gosto de sair e brincar com meu irmão, e para ser sincera, não gosto muito de estudar.

Ah! Já estava esquecendo de dizer o nome de todos da minha família. Meu irmão Miguel, minha mãe Raquel, eu, que sou mais conhecida por Karol, e meu pai Miguel Arcanjo.

Espero que você goste de mim, professora.

Até breve.

Ângela Karolina Pereira Alves  
5ª. série A

**Florianópolis, 23 de agosto de 2004.**

Querida professora Rosa

Me chamo Ana Carolina e estudo aqui no Colégio de Aplicação desde a 1ª. série, por isso tenho e sempre tive muitos amigos.

Moro no Estreito com minha mãe Jaqueline, meu irmão Vinicius, minha avó Anita, meu avô Osvaldo e meu cachorrinho Snulppy. Meus pais são separados, por isso moro só com a minha mãe, mas alguns finais de semana, meu pai vem me ver.

Quando eu crescer, quero ser professora de Matemática e viajar para a França, pois descobri que meu tataravô nasceu lá.

Sou uma criança muito feliz e espero que você goste de mim.

Até breve.

Ana Carolina Teixeira  
5ª. série B

---

Texto desenvolvido a partir do trabalho voltado para o gênero textual *Carta*. Após trabalhar toda a estrutura de uma carta, os alunos tiveram de imaginar que era o primeiro dia de aula e, portanto, deveriam escrever uma carta para a professora, contando sobre a vida de cada um e o que desejam ser no futuro. E não deveriam esquecer de colocar no envelope, com endereço e selo.

Rosa Maria Somavilla  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## As cores do Brasil

Roteiro

Ficha Técnica:

- Título Original: *As Cores do Brasil*
- Gênero: Comédia Romântica
- Tempo de duração: 110 minutos
- Ano de lançamento: 2005
- Direção: Júlia Mello Piedade
- Censura: livre

Elenco Principal:

Guilherme Berenguer (Ricardo)  
Daniela Suzuki (Aline)  
Camila Pitanga (Mahala)

Sinopse:

Ricardo era um jovem executivo que precisou ir a uma aldeia de índios localizada no Norte do país: a aldeia dos Ianomâmis. Ele foi à aldeia porque seu chefe lhe deu a missão de levar a tecnologia àquele povo, que parecia ser tão culturalmente preservado.

Como a viagem era longa, Aline, a namorada de Ricardo, resolveu ir junto, apesar de nunca ter tido qualquer contato com outra cultura senão a sua descendência: a cultura japonesa.

Ricardo, apesar de ser um executivo de sucesso, mesmo tão jovem, não passava de um menino mimado e criado de um modo conservador que, assim como sua namorada, não sabia nada sobre a cultura indígena. Foi uma viagem muito longa, de muitas horas dentro do avião monomotor que pegaram de São Paulo com destino a Manaus. O avião não era muito grande, mal cabia as malas de Aline (que, na verdade, eram muitas) e muito menos as geringonças tecnológicas de Ricardo.

Durante a viagem, Ricardo ficou olhando pela janela e se surpreendeu em encontrar tantas árvores. Ele nunca havia visto tantas árvores em toda sua vida! O

piloto do avião disse que elas faziam parte da floresta conhecida como o pulmão do mundo: A Floresta Amazônica, que possui uma mata muito densa com todos os tipos de plantas e animais que você possa imaginar.

Quando chegaram em Manaus, Aline fez um escândalo na rua, porque estava cansada, com calor, com dor nos pés e precisava ir para um hotel imediatamente.

Depois de algumas horas, quando Aline já havia se acalmado e se acostumado com o clima quente da região, eles partiram em outro avião monomotor, em direção a aldeia.

Desta vez, Ricardo avistou do avião o Rio Amazonas, que parecia mais um mar, de tão longo e largo. Do avião, também percebeu que não havia montanhas naquela região!

Chegaram de noite na aldeia e foram recebidos com festas e alegria inesperada. Mas, apesar disso, Aline estava sempre com uma cara de nojo: ela sentia falta de casa.

Passadas algumas semanas Ricardo conheceu Mahala, uma linda índia por quem se apaixonou como nunca havia se apaixonado. A índia também o amava, mas seus pais a proibiram de se casar com alguém que não fosse da aldeia.

Aline, como de esperado, não agüentou muito tempo: um mês depois de sua chegada ela voltou para casa.

Ricardo e Mahala passaram a sair sempre às escondidas para passear no lindo e vasto Rio Amazonas, para procurar animais de todas as espécies e colher frutas de todos os tipos na incrível Floresta Amazônica e para pescar peixes, a comida preferida de todos na aldeia.

O cacique da aldeia, que era o pai de Mahala, não gostava nem um pouco de ver sua filha passeando tanto tempo e mostrando tantas coisas a um homem branco “da pior espécie”, como ele dizia. Mas depois de um tempo, Ricardo mudou sua cabeça: disse a ele que amava sua filha mais do que qualquer um jamais amaria e que ele a defenderia com sua própria vida e daria de tudo para proporcionar conforto e felicidade a ela e à sua família.

Depois de convencer a mãe de Mahala, Ricardo casou-se com sua amada.

Apesar de não ter conseguido cumprir sua missão de trabalho, Ricardo percebeu uma coisa que poucos perceberam: com preconceito não se constrói uma nação. Os brasileiros são uma mistura de raças do mundo inteiro, por isso as cores do mundo são as cores do Brasil!

## Uma aventura no Nordeste

### Ficha técnica

- Título original: *Uma aventura no Nordeste*
- Gênero: Aventura
- Tempo de duração: 113 minutos
- Ano de lançamento: 2004
- Direção: Rodolfo Veiga
- Censura: 12 anos

### Elenco:

Manoel Junqueira (John Little)  
André Silva (José)  
Nina (a mula Meg)

### Sinopse:

Uma aventura no Nordeste, é um filme que se passa no Nordeste brasileiro, contando uma viagem através da qual John Little e sua mula Meg, nos mostram as belezas da região e as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino.

John Little é um norte americano que trabalhava na lavoura de algodão. Lá, ele tinha uma pequena plantação junto de sua casa, de onde retirava seu sustento. Com a guerra civil dos Estados Unidos (1861- 1865) a produção de algodão caiu, fazendo com que John vendesse sua pequena propriedade e viajasse para o Brasil em busca de emprego.

Chegando no Brasil, na Bahia, John passa o dia inteiro em busca de emprego, mas não encontra nenhum. À noite, ele monta um acampamento na beira do rio



Jequitinhonha. Dando uma volta perto do seu acampamento, encontra um criador de mulas e, às escondidas rouba uma mula para facilitar sua busca por um emprego.

Sua viagem começou no Sul da Bahia, passando pelo interior dos estados de Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

Passando pela “zona da mata” na Bahia, ele ficou assustado com o desmatamento e viu também que o solo dessa região era muito bom para a agricultura, porém as terras dali já tinham dono, então ele resolveu seguir em frente.

Seguindo, John chegou no “sertão”. Observou que lá a pobreza era grande, a população sem trabalho, um solo muito ruim e assim não tinha boas idéias para o cultivo, já que o clima era muito quente e com pouca chuva.

John não parou por aí; ele e sua mula Meg (que era sua única companheira) não iriam descansar enquanto não arranjassem emprego.

Depois de muitos dias de viagem, John chegou a área do “agreste”; ali, ele encontrou grandes latifúndios, dedicados à agricultura e a pecuária, conseguindo então, um bom emprego na lavoura.

Trabalhando muito, John conseguiu realizar seu grande sonho: “o de ser um grande latifundiário”.

Com muito dinheiro ele resolveu fazer uma viagem de turismo, acompanhado de seu amigo José, um grande arqueólogo, e de sua companheira, a mula Meg, que desta vez foi levada em uma carreta, enquanto os dois amigos viajavam de charrete.

No Maranhão eles visitaram os Lençóis Maranhenses, que é um tipo de deserto com lindos lagos e lagoas.

Passando pelo Piauí, viu grandes áreas de cultivo de babaçu e carnaúba.

Visitou também as salinas no Ceará e no Rio Grande do Norte.

John Little nunca mais pensou em voltar para os Estados Unidos, pois gostou muito do Brasil e de suas belezas.

## Diário de um pesquisador

### Ficha técnica

- Título original: *Diário de um pesquisador*.
- Gênero: Aventura
- Tempo de duração: 90 minutos
- Ano de lançamento: 2004
- Direção: André Leonardo Ferreira.
- Censura: Qualquer idade.

### Elenco:

José, nome real; Anderson.  
Paulo, nome real; Bruno.  
João, nome real; Maicon

### Sinopse:

José era um pesquisador, já havia ido a quase todas as regiões do Brasil, menos no Nordeste. Até que um dia ele resolveu arrumar seu barco e sair para conhecer melhor o Nordeste.

Ele arrumou seu barco todo, convidou uns amigos, João e Paulo e foram todos juntos à sua nova pesquisa no Nordeste.

José foi guiando o barco, João foi arrumando as velas e coisas assim, enquanto Paulo foi lá em cima para tentar achar o projeto de pesquisa.

Cruzando o mar, Paulo dá um grito lá de cima, dizendo que havia visto alguma coisa. José então pega o binóculos e olha também. Fica maravilhado, pois ele vê, no Estado da Paraíba, em João Pessoa, um belo forte. Assim como neste Estado, outros fortes foram de grande importância no desenvolvimento de núcleos urbanos: Fortaleza (CE) e Natal (RN).

Assim que eles chegaram lá, eles lançaram a âncora ao mar e foram nadando até a praia, onde não havia quase casa nenhuma, mas muitos turistas, que como o Nordeste é muito bonito, o turismo é a principal fonte econômica dos seus estados.

José, Paulo e João seguiram estado adentro, pelo meio da mata, uma mata muito fechada. Paulo diz que ali é a Zona da Mata.

Eles vão conversando tirando dúvidas uns dos outros, então João como não conhecia nada do assunto, pergunta a Paulo e a José qual era o clima da região, então Paulo responde que era um clima quente e úmido.

José como não dava bola para os dois foi na frente, até que viu alguma coisa. Chamou Paulo e João e viram aquela bela cidadezinha do interior, bem pequena, onde a vegetação era de caatinga. Eles então viram todas aquelas pessoas desnutridas e tristes, então foram perguntar o que havia acontecido.

Um senhor responde que lá já não chovia há três meses. Eles sentam no chão perto do lago que havia lá, que estava seco e seu Antônio começa a contar as histórias do lugar.

Ele entende muito dos assuntos do estado todo, diz várias coisas para eles. Satisfeitos então, pegam suas coisas e vão embora.

Arrumaram as bagagens, o barco e foram embora sem conhecer mais nada. Seu Antônio deixou-lhes satisfeitos com o seu presente. Ele deu-lhes um livro que ele mesmo fez, que fala de tudo da região, desde as 426 indústrias espalhadas em 55 cidades, às histórias mais antigas da região.

Por isso foram embora, mas já pensavam na próxima pesquisa que vai ser fora do Brasil.

Até a próxima.

André Leonardo Ferreira  
Diogo Gilberto Augusto  
6ª série A

Ao estudarmos nas 6ª séries, os aspectos regionais do território brasileiro, propomos aos alunos uma situação em que os mesmos assumissem o papel de escritores e produzissem uma obra literária que seria adaptada ao cinema. As regiões foram sorteadas entre os alunos e os conteúdos associados à criatividade, viraram propostas interessantes.

José Carlos da Silveira  
Professor-orientador/ Geografia  
Ensino Fundamental  
2004

## O primeiro campeonato

Monique era a mais nova campeã nacional de ping-pong. Ela acabara de ganhar em 1º lugar no nacional. Ela estava pulando de felicidade e comemorando com todos seus treinadores e conhecidos. Quando parou por um momento, viu aquela multidão enorme gritando por seu nome. A emoção não parava de aumentar. Esse momento a fez lembrar do seu primeiro campeonato de ping-pong, há quinze anos, um campeonato escolar. Monique, aos 12 anos, participou juntamente com todos seus amigos e colegas. Ela achava que não tinha dom para nenhum esporte, mas como faltava uma menina para preencher a vaga em sua sala, ela se candidatou.

Na sua primeira competição, ela disputou com uma menina chamada Amanda, que era irmã de um amigo seu. Amanda jogava muito bem, mas no final das contas Monique jogou melhor ainda e venceu.

No dia seguinte, Monique ficou em estado de choque, pois descobriu que tinha que competir com uma de suas melhores amigas, Clara. Desta vez, todos seus amigos foram assistir à competição. Monique estava se saindo melhor e não sabia qual seria a reação da amiga. Ela acabou vencendo a partida, mas não sabia se comemorava ou não. Então percebeu que a amiga ficou muito feliz por ela e as duas comemoraram juntas. Logo em seguida, sua irmã estava competindo com a campeã do ano passado, Maiara, e quem vencesse aquela disputa faria a final com Monique.

Beatriz estava se saindo muito bem, mas logo Maiara virou e venceu o jogo. Monique sabia que Maiara era a melhor jogadora de ping-pong da escola, mas depois daquela, ela ia mudar esse conceito. Treinou horas e horas.

No dia seguinte, estava o colégio todo lá. Maiara era muito popular, mas a torcida de Monique era maior ainda. A disputa estava muito difícil, mas então o seu nome tomava conta do colégio. Agora era tudo ou nada, quem fizesse um ponto ganhava a partida. De repente Monique deu um corte em Maiara e, quando ela ouviu o som do apito, nem acreditou. Foi uma multidão abraçá-la...

Quando Monique parou de lembrar, viu que lá na primeira fila da arquibancada estavam seus familiares e seus amigos e principalmente as suas amigas Mariana e Clara, que eram as únicas presentes no seu primeiro jogo de campeonato.

Marisol Régis Jamundá  
7ª série A

## Antônio

Há pessoas que passam a vida toda reclamando, deixando tudo pra depois, adiando o viver. Pessoas com o vocabulário do tipo: depois, já vai, tô indo, mais tarde, e no máximo um daqui a pouco. Definitivamente, Antônio não era uma dessas pessoas.

Antônio estava no auge de seus 86 anos. Havia tido uma vida muito intensa e divertida. Tinha feito praticamente tudo o que você pode imaginar. Era muito animado, e estava sempre disposto a começar, recomeçar e experimentar.

Antônio estava subindo as escadas para o embarque do avião. Essa era uma das poucas coisas que ele ainda não tinha feito. Andar de avião. Mas não estava nervoso. Ele estava era meio doente, problemas no coração, pulmão e fígado. Fumava e bebia muito. Gostava disso, e não abria mão dos dois, mesmo sabendo que podia morrer a qualquer momento por conta disso.

Estava sentado na poltrona, o avião a poucos minutos de decolar. Uma aeromoça muito bonita agachou-se um pouco para falar com ele. Ela perguntou se ele queria algo. “Aquela voz...” pensou Antônio. Um filme começou a rodar na sua cabeça. Há muito tempo... Antônio tinha uma memória ótima.

Aquela era a voz de Elizabeth. A Beth. Eles haviam tido um caso há muito, muito, muito tempo. Quase 50 anos antes. E ele se lembrava como se fosse agora. Beth era linda, e muitos homens eram apaixonados por ela, mas ela gostava mesmo era de Antônio.

Era um dia de sol bem forte, e as árvores pareciam mais verdes do que nunca. Estavam à beira de um lago e ali do lado havia um vidro que não parecia nem um pouco resistente que prendia cobras dentro dele. Era um lugar meio estranho para namorar, mas o preferido do casal. Eles gostavam muito de cobras.

Estavam aos beijos, quando viram Carlos, outro apaixonado por Beth. Antônio e Carlos discutiram muito, mas a “vitória verbal” foi para Antônio. Então, Carlos resolveu usar seus músculos, já que o cérebro não era seu forte.

Carlos foi para cima de Antônio, que após levar um soco na boca, empurrou Carlos para longe, fazendo ele esbarrar no vidro de cobras, que infelizmente, quebrou. A sorte era que as cobras não eram venenosas.

De volta à realidade, Antônio sorriu, fechou os olhos e provou de outra coisa que jamais havia feito ou sentido: o descanso eterno.

Lucas Heymanns Mohr  
7ª série A

---

Após a leitura, análise e discussão sobre o conto “A moça rica”, de Rubens Braga, foi solicitado aos alunos que produzissem um texto, neste gênero textual, usando a técnica do *flash-back*.

Heliete Schutz Millack  
Professor-orientador/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## A Madrasta

Era uma vez, um homem rico, dono da Coca-Cola. Ele e sua mulher tiveram uma filha, Clara.

O homem ficou viúvo e alguns anos depois, se casou de novo, com uma mulher muito “perua”. Ela tinha uma filha chamada Rapunzel.

Muitos anos depois, o homem morreu e a mulher herdou tudo. As meninas, eram cada dia mais amigas, iam ao shopping quase todos os dias. A mulher não gostava nada, nada disso. Era muito rabugenta. Ela tinha mais de 900 pares de sapatos e muitas jóias.

Um dia, as três mulheres foram convidadas para uma festa. As meninas juravam que iam descalçar. A madrasta foi muito bonita e elegante.

Chegando na festa sua atenção foi um homem de cabelos grisalhos e com um tom de voz muito sedutor. Ele a convidou para dançar. Eles dançaram a noite toda. As duas meninas ficaram com dois mocinhos que eram surfistas e bonitos. Quando a mulher foi embora da festa esqueceu sua echarp de esmeralda.

A mulher ficou muito apaixonada pelo homem. De repente o telefone tocou. A mulher atendeu e era o homem. A mulher ficou muito feliz. Eles começaram a namorar e a mulher percebeu que não adiantava ser ruim, só dava rugas e era tão bom quando se era feliz!

Mariáh Machado dos Santos  
7ª série A

---

Este texto foi produzido a partir do gênero textual “Contos de fadas”. A proposta foi adaptar esses contos ao mundo de hoje, promovendo diálogo entre dois ou mais contos.

Heliete Schutz Millack  
Professor-orientador/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## A explosão

Era uma cidade pequena, havia duas clínicas que estavam debatendo sobre a clonagem humana. As duas clínicas estavam concorrendo, ambas queriam ser a primeira a clonar um humano.

O dono de uma das clínicas, o Dr. Osvaldo Butierre, tinha uma mancha em seu passado. Ele tinha um amigo, Cristiano Alencar, que havia feito grandes descobertas para formação de novos conceitos sobre a clonagem humana. Esse amigo havia feito registros, e Osvaldo os roubou. Com base nesses conceitos, uniu-se com grandes cientistas e eles formaram essa clínica. Eram como sócios.

Anos seguintes surgiu uma nova clínica. Osvaldo era o que mais trabalhava nessa clínica. Um dia, estava sozinho nessa clínica, calculando o pagamento de seus funcionários. Então todos que estavam na rua pararam para ver o que estava acontecendo. A clínica estava explodindo.

Os familiares de Osvaldo foram avisar a polícia imediatamente. E os policiais, junto com o detetive, foram ao local da ocorrência examinar o fato.

Lá eles encontraram, dentro dos tubos de ventilação, um pavio que ia da ventilação da sala de Osvaldo até os fundos da clínica. Lá também encontraram um galão de gasolina.

Então chegaram à conclusão de que foi uma explosão proposital.

Mas a polícia não encontrou o corpo de Osvaldo. O que era muito estranho, pois haviam testemunhas que garantiram que ele estava ali dentro na hora da explosão.

A polícia começou a investigar o caso e já tinha dois suspeitos: seu amigo do passado que foi traído, Cristiano Alencar, e o dono da clínica concorrente, Leandro Ferraz. Então, a polícia, foi até a casa de Cristiano Alencar. A casa dele era simples, de poucos cômodos e desorganizada. Os policiais foram até o quarto de Cristiano e viram que no guarda-roupa não havia roupa alguma.

O detetive achou isso muito suspeito, pois Cristiano poderia ter provocado a explosão e ter fugido por ter medo de ser preso.

Mas não havia como saber se realmente foi isso que aconteceu.

Para tentar descobrir, a polícia e o detetive foram até a operadora telefônica local, para pedir a lista dos números de telefone das últimas ligações efetuadas por ele.

Eles viram que nessa lista estava o número da estação de trem. Ligaram para lá e descobriram que ele foi para uma cidade próxima dali.

Parte da polícia foi para esta cidade e descobriu que ele foi para lá para comprar mercadorias. Quando ele voltou, a polícia o apanhou.

Como ele ainda não deixou de ser um suspeito, alguns policiais ficaram vigiando a casa dele, para ver se Cristiano fazia algo suspeito. A outra parte da polícia foi investigar outro suspeito, Leandro Ferraz.

O detetive e a polícia foram até a casa de Leandro para fazer um interrogatório, mas ele estava em uma reunião.

Então eles foram até a casa de Osvaldo Butierre, pediram a sua esposa para permitir que olhassem o escritório de seu marido, para ver se descobriam alguma coisa.

No escritório viram que o celular estava em cima da mesa e começou a tocar. O detetive atendeu e era um homem que dizia ser de uma loja de explosivos. Disse que estava esperando o pagamento do pavio que Osvaldo tinha comprado.

Então a polícia descobriu tudo. Osvaldo tinha forjado a própria morte para fugir com o dinheiro da clínica que também pertencia a seus sócios. A polícia constatou isso ao ver que todo o dinheiro da clínica havia sumido.

A polícia, através do celular de Osvaldo também descobriu onde ele estava. Foi atrás dele e o prendeu. Osvaldo foi condenado a 15 anos de cadeia.

Lara Alvarez Mascheroni  
Manuela Góis e Silva  
Natalia Elizabeth Roesner  
7ª série A

---

Texto produzido no final dos estudos sobre contos de suspense.

Heliete Schutz Millack  
Professor-orientador/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004



## Eu e meu livro

Na verdade, não fui eu quem escolheu o livro. Eu vi o Arthur com um livro do Sherlock Holmes e perguntei se ele tinha a coleção. Já que a resposta foi sim, eu pedi para ele me emprestar um. E, no dia seguinte ele me trouxe o *Um Estudo em Vermelho*.

Eu comecei a ler na sala de aula, em uma das aulas de leitura. Ele não era cansativo, só que eu estava muito ansiosa. Queria saber logo quem era o assassino, mas queria também que aquela adrenalina continuasse.

O livro fala de um caso do Sherlock Holmes, no qual ele é chamado à cena do crime para analisá-la e descobre que o crime, na verdade, é uma vingança.

O autor é imprevisível, como sua personagem, pois ele consegue fazer do óbvio, uma coisa improvável e nos contamina com sua criatividade.

Eu, ao mesmo tempo que adorei saber quem era o assassino e saber toda a sua história, fiquei triste em saber que mais uma história tinha acabado e que eu tinha que “partir para outra.”

Para mim, deveria haver um livro que nunca terminasse, com muitas coisas irreais e muita, mas muita imaginação.

Mariana Souza Fazzi  
7<sup>a</sup>. série B

## Um amor sem fim

Começamos nossa história, eu e meu livro, assim. Minha bela professora de Português em um de seus dias iluminados, mandou minha turma ler um livro qualquer.

Eu, como não gostava muito de ler, fiquei chateado. Quando cheguei em casa, pedi para minha mãe que comprasse um livro para mim, um que tivesse um toque policial, divertido e de muita ação.

Foi aí que começou o meu amor repentino por meu novo livro. Quando minha mãe chegou em casa, eu o olhei e foi amor à primeira vista. E nesse dia, eu já comecei a ler, mas parei, pois sabia que era para ler na sala de aula.

Mas agora vamos falar do livro. Ele é muito bom, foi como pedi para minha mãe, policial, divertido e com muita ação. O autor, Brezina, é ótimo, pois mudava de situações repentinamente sem mudar o panorama da história.

A leitura era um pouco ruim, pois meus colegas conversavam e eu perdia minha concentração no livro. Mas nada que impedisse a leitura. O autor era meio imprevisível, por isso gostei muito da história.

Quando terminei de ler, me senti mais culto, criativo. Essa história me fez mudar de opinião sobre vários assuntos. Adorei o livro e agora estou em busca de um novo amor.

Gabriel de Souza Costa  
7ª série B

---

Texto criado a partir de um trabalho de leitura livre. Os alunos tinham de ler um livro qualquer, mas adequado a eles, nas aulas de leitura.

Ao final, receberam a proposta para relatarem a experiência com o livro, em forma de texto. Para tanto, a professora fez um roteiro, que poderia ser seguido, como sugestão.

Rosa Maria Somavilla  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## Depoimento

Era de manhã, tomava meu banho me preparando para ir ao colégio como todo dia fazia. Arrumei o meu material na mochila e parti para mais um cansativo dia de estudante.

O dia correu normal até a terceira aula, quando um grande movimento começou a tomar o corredor. Achamos que eram apenas baderneiros comemorando o fato de não ter aula para eles. Mas muitos gritos e cada vez mais gente aparecia correndo. Quando todos perceberam que algo estava errado, ouvimos tiros. O pânico foi total. Todos chorando, berrando, sem entender muita coisa. Fomos alertados a fugir e nos escondermos na biblioteca. Mais tiros e uma “gritahada” só. Na biblioteca, todos se amontoavam, quando dois meninos, colegas meus, da minha sala, entraram. Achei que estavam fugindo, mas, além de não ter o medo em seus rostos, tinham armas nas mãos. Atiravam para cima, possuídos ! Todos se tacaram no chão. Os berros continuavam, o pânico constante e os tiros que não acabavam. Um dos dois, agarrou uma menina do 2º ano pela blusa e, com a arma na cabeça dela, a ameaçou. Ela chorava muito ... não vi nada direito. Só ouvi mais um disparo, muitos berros e um grito ensurdecedor ao meu lado. Um menino havia sido atingido ao meu lado e, enquanto caía, sujava minhas calças de vermelho e minha mente de pavor. Pude ver seu rosto “desconfigurado”, completamente tomado por sangue. Nesse momento, tive a certeza de que iria morrer.

Achei toda essa tragédia uma loucura total, insanidade pura. Foram feridos dezenas de pessoas, doze alunos foram mortos e um professor também. Mas trouxe mais conseqüências ainda. Mais medo para jovens e toda a comunidade americana. Mais insegurança, mais obsessão, mais tristezas, mais desculpas. Nós, americanos, já estamos cansados de tudo isso, de toda essa violência. Queremos respostas, soluções. De onde vem toda essa raiva, toda essa aversão ?

Eu não concordo, não concordo com nada, não concordo com os U.S.A ! Armas deveriam ser proibidas e vendas de munições também. Pistolas, rifles e tudo mais deveriam ser tratados como armas nucleares. Só teriam armas policiais e oficiais do gênero, e olhe lá! Munição e armas deveriam ser de muito difícil acesso e extremamente caros ! Só queria que tudo isso parasse. Já sofremos demais. Demais !

## Meu depoimento

Meu nome é Pedro. Sou pai de uma das vítimas da tragédia em Columbine.

Acordei cedo, acordei meu filho, me arrumei, tomamos café juntos. Ele arrumou seu material e fomos juntos de carro. Deixei-o na escola e fui para o trabalho.

De repente, no meu trabalho, minha secretária vai até minha sala e me diz que tem uma ligação da escola de meu filho. Logo imaginei que fosse alguma coisa de errado que meu filho tivesse feito, mas achei estranho, pois ele não era disso.

Atendi ao telefone, a diretora me informou que meu filho e mais doze pessoas tinham sido baleadas. Fiquei desesperado e não sabia o que fazer.

Liguei para minha esposa e falei para ela ir correndo para a escola de nosso filho. Ela não entendeu, mas foi, pois percebeu meu desespero.

Quando cheguei na escola, vi minha esposa desesperada, chorando muito. Perguntei se ela já sabia de alguma coisa. Ela então disse que nosso filho estava muito mal e tinha acabado de ir para o hospital. Eu e minha esposa fomos para lá também.

Chegando ao hospital, perguntei aos médicos como meu filho estava. Eles disseram que nenhuma vítima da tragédia em Columbine tinha sobrevivido.

Chorei muito, minha esposa também. Com certeza, foi o dia mais infeliz de nossas vidas. O pior de tudo foi fazer o reconhecimento dos corpos e ver o corpo de meu filho baleado. Minha esposa deitou-se no corpo de meu filho e chorou muito.

Teve muitos protestos, muito choro, muita tristeza... Se os assassinos de meu filho não tivessem se suicidado, eu mesmo os mataria. Nunca mais fui o mesmo, depois da tragédia em Columbine. Muito menos minha esposa, que entrou em depressão.

Mas, então é isso, boa sorte com seu documentário, só acho que nem todos os pais das vítimas vão querer depor.

Pedro F. Teixeira  
7ª Série A

---

A partir do trabalho desenvolvido com gêneros, os alunos da 7ª Série vinham experienciando *depoimentos*. Assim, após assistirmos o filme, *Tiros em Columbine*, como atividade planejada pela disciplina de Geografia, propusemos, em trabalho interdisciplinar, que produzissem um *depoimento*, colocando-se no lugar de um dos que participaram de tal acontecimento trágico.

Maria Alice Silva Baptista  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental

2004

## Depoimento

O mundo imaginário dos livros entrou em minha vida através de meu avô, o senhor Joaquim, que por sinal era um ótimo leitor.

Meu avô não só lia livros como contava histórias que aconteceram com ele na infância, época muito divertida.

Todo domingo os meus primos e eu nos reuníamos para ouvir as histórias de meu avô. A história que mais marcou minha infância foi a do Patinho Feio em que, no final ( a parte de que eu mais gostava), ele se transforma em um belo cisne. Mas meu avô faleceu e quem passou a ler as histórias pra mim foi minha mãe. Muito particularmente: meu avô lia melhor que ela, mas a leitura de minha mãe “dava pro gasto”.

Eu fui um menino muito precoce e aprendi a ler com apenas quatro anos e a minha primeira palavra foi “papai”.

Gabriel de Souza Costa  
7ª série B

## Minha querida infância

Sempre que me lembro da minha infância, me vem a imagem de uma criança brincando de riscar o chão com um pedaço de pau. Essa criança rabiscava letras, animais, casas, carros e muitos outros desenhos.

Com apenas quatro anos de idade, aquela criança havia aprendido a ler. Sua mãe quase caiu de costas quando ela ( a criança ), leu a sua primeira frase, a frase que estava numa velha revista.

Após alguns anos, aquela criança devorava livros. Rabiscava paredes, porque havia aprendido a escrever. Então, desde aquela época, aquele garoto que lia dezenas de livros por ano vem lendo, cada vez mais, e desenvolvendo histórias mirabolantes.

Arthur de Melo Rebello Parente Sinelli  
7ª série B

## **A leitura em minha vida**

Na minha infância, eu tive o meu primeiro contato com a leitura mais ou menos aos seis anos de idade. Eu não gostava dos livros (principalmente os que não tinham figuras ou eram muito grandes). Ao contrário das outras crianças da minha idade, não tentava ler os livros que a professora pedia para a turma tentar ler, tentava estragá-los ou desenhar neles. Com isso, tive dificuldade para aprender a ler e escrever em relação ao restante da turma.

Comecei a aprender a ler após a minha professora me dar de presente o livro, “A Casa Sonolenta”, um livro que me despertou interesse, tanto pelas suas ilustrações quanto pelo seu texto. Com o passar dos anos, o meu interesse por livros foi crescendo num ritmo lento, mas, mesmo assim, crescente. Desde o dia em que aprendi a ler, li vários livros como: *Sonho de uma Noite de Verão*; *Aventura no Império do Sol*; *A Casa Sonolenta*; *O Mistério do Quarto Amarelo*.

Hoje, reconheço como a leitura foi importante para o meu desenvolvimento como pessoa, como aluno e sei que se eu não soubesse ler, a minha vida seria completamente diferente, pois a leitura interfere na personalidade, nos sonhos e metas da vida das pessoas. No mundo dos livros nenhum sonho é impossível.

Rodrigo de Souza  
7ª série B

## Lembranças

Lembro-me daquele tempo em que minha mãe começou a me ensinar a ler com uma revistinha cheia de figuras, cada uma começando com uma letra do alfabeto.

Lembro-me, com carinho, das horas que passávamos em cima da cama olhando o livrinho e estudando aquelas que, para mim, eram tão complexas quanto qualquer coisa desconhecida.

Lembro-me como achei interessante aquelas 26 letras e como elas se unem para formar as sílabas, que se unem formando as palavras, até chegar às frases, parágrafos, textos e livros.

Lembro-me também de como eu tentava ler aquelas propagandas na rua ou, na televisão, os filmes legendados e também o que estava escrito em camisetas e cadernos de amigos.

Lembro-me de ir uma vez em uma livraria com minha tia, e ela me comprar um livro cheio de contos de fadas bem grande e grosso. Mamãe lia uma história toda noite para mim.

Lembro-me de um dia ela mandar eu ler uma das histórias sozinha; eu li e gostei.

Lembro-me que o primeiro livro que li foi a “História sem Fim” e depois vieram outros, até que eu criei o hábito da leitura.

Mariana Souza Fazzi  
7ª série B

---

Lembranças da infância: primeiras histórias, primeiras leituras. As palavras em seu mundo mágico da escrita. Sensibilizados por textos/depoimentos de Paulo Freire, Cecília Meireles e Lygia Bojunga Nunes, os alunos voltam à infância, ainda próxima, e revelam prazer e sensibilidade em suas memórias de leitura.

Maria Alice Silva Baptista  
Professora/Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## Separação

Jucelineldson levava, todos os dias, às quatro e às seis horas, seu cachorrinho, Rexildeon, para passear. Eles eram os melhores amigos. Levantavam da cama juntos, tomavam café da manhã juntos, faziam tudo juntos. Rexildeon era a única companhia para Jucelineldson e vice-versa.

Só não conseguiram fazer uma única coisa juntos, morrer.

Jucelineldson abandonou seu melhor amigo, no dia 4 de abril de 1827. A morte já estava tomando conta da vida de Juc ( apelido de Jucelineldson ). Todos os dias, ele sentia fortes pontadas no coração, até que em um belíssimo dia de sol, e somente cinco anos após a Independência, Juc morreu. Mas ele não morreu do coração. Ele morreu de morte matada.

Juc saiu para comprar pão e ração, no dia 2 de abril, mas Rexildeon não quis ir junto. Quando Juc saiu do mercado, tomou uma pancada na cabeça e foi levado por uma gang. Juc só acordou no dia seguinte, e Rexildeon já havia saído à rua para procurá-lo. Somente ao meio-dia, Juc percebeu que estava sendo seqüestrado. Os bandidos queriam 50 mil contos de réis, então Juc resolveu dar sua casa como pagamento e, nesse mesmo dia três, ele foi solto.

Como não tinha onde morar, e com Rexildeon perdido, Juc resolveu ir para a cadeia. Mas não era assim tão fácil, você teria que matar alguém. Como Juc não havia freqüentado a escola, ele não tinha desenvolvido seus neurônios. Juc dormiu e, no dia seguinte, já sabia exatamente o que fazer para ser preso.

Como ele teria que matar alguém, ele resolveu testar nele antes para ver se doía. Foi aí que Jucelineldson da Silva Pinhão morreu. Ele mesmo se matou.

No dia 5, ocorreu o enterro e também ocorreu o sorteio da loteria, que estava acumulada em milhões de contos de réis. Por coincidência, os números do sorteio eram os mesmos da cartela de Juc, mas ele já tinha morrido.

Depois da morte de Juc, Rexildeon ficou perdido pelo mundo, triste, com fome, sendo desprezado, pobre.

Rexildeon ganhava comida lá no Bar do Bum, o dono era conhecido de Juc e gostava muito de Rexildeon. Depois de um ano ganhando comida, o Bar do Bum faliu e Rexildeon permaneceu naquele lugar com uma caneca na pata superior direita. Rexildeon estava mendigando.

No dia 18 de março de 1832, morre Rexildeon de Jucelineldson. Morreu de tristeza, gritavam alguns. Mas, no fundo, todos sabiam que ele ficou feliz, pois iria juntar-se ao seu dono no outro mundo.



## Separação

Nossa, quanto tempo  
não nos vemos mais.  
O que podemos dizer  
pode ser coisa de Deus ou de satanás.

A separação nos ataca  
Muito lentamente,  
pois quando vemos,  
ela já está atrás com sua estaca.

Aquela boca, aqueles olhos.  
Sinto falta dela e do seu jeito.  
Sim, um jeito formoso, belo  
e simples.

Talvez antes de amar  
seja preciso se separar.  
Talvez a separação  
seja seguida pelo perdão.

Será que não ?

Henrique S. Costa  
8ª Série A

---

Separação era o tema. Senti-la em textos (crônicas, poemas) que, refletindo o nosso cotidiano, permitissem um mergulho - mesmo que de pouca profundidade - trouxe-nos à tona outros textos denunciadores da experiência subjetiva e particular.

Maria Alice Silva Baptista  
Professora-orientadora/Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## Gravidez na adolescência: um grande problema

Foi feita uma entrevista, no bairro do Jardim Atlântico, nesta terça-feira, dia 25/10/03, com Adriane S. (15) e com Márcio A. (17), ambos estudantes e pais de Jonatan, um garoto de apenas um ano.

Na entrevista, foi perguntado a eles porque não usaram a camisinha, e Márcio afirmou que ela não foi utilizada pela confiança que existia entre os dois, e pelo fato de nunca terem pensado que Adriane engravidaria. Ela afirma que hoje é difícil lidar com a situação. E perguntamos o porquê. Ela então fala: “É muito difícil ter que estudar, trabalhar e cuidar de Jonatan. Ele precisa de atenção, carinho, o que me deixa sem tempo para fazer as ‘minhas’ coisas, como eu fazia antes. Quase não tenho mais amigas, não me divirto mais.” E Márcio completa: “E eu hoje passo pela mesma situação que Adriane e faço o meu papel de pai.”

Vimos pelo menos que esse casal é consciente e educa seu filho, pena que não são todos que fazem isso. E ter que trabalhar, estudar e criar um filho é difícil, ainda mais porque nem são adultos. O resultado disso é a perda da juventude.

Jornal: A fonte da vida. Seção: Geral

Gabriela Panitz Pedralli  
8ª série A

---

O gênero notícia foi trabalhado inicialmente a partir de textos da Revista ISTO É e Jornal Diário Catarinense, trazendo informações envolvendo preconceito entre jovens e relação pais x filhos entre outras. A seguir, foi feita análise em grupo dos assuntos relacionados aos jovens, presentes em notícias trazidas pelos alunos. Também foram analisados: veículos nos quais os textos foram publicados, público leitor provável, além dos elementos da notícia. A atividade de produção de notícia foi solicitada partindo de uma foto dada; os alunos deveriam especificar o veículo e a seção nos quais suas notícias seriam publicadas.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

**27 de abril de 2004.**

E daí, José, como é que vai? Bem, eu espero. Na verdade, deve ser legal escutar os segredos dos amigos, além de saber dos pensamentos e sentimentos mais íntimos. Mas algumas horas você deve ficar enjoado. Sabe, acho que também enjoaria.

Hoje resolvi mudar o assunto de nossa conversa. Acabei de ler o livro que a professora de português pediu que lêssemos. Eram três títulos para escolher e eu optei por “Feliz Ano Velho”. Escolhi ele pois minha mãe falou muito bem dele e porque esse já tinha em casa, mas na verdade, José, acho que o que pesou foi que este parecia ter menos conteúdo para ler.

Bom, o livro... O livro é bem interessante. Ele é a autobiografia de Marcelo Rubens Paiva. Ele era um cara normal do final dos anos 70, que gostava de puxar uns baseados. Um dia o vício dele foi a sua ruína. Ele estava curtindo um barato quando pulou em um lago, bateu a cabeça e ficou paralítico. Na real, eu ficaria maluco.

Sabe, José, o Marcelo era um cara legal, cheio de vida, de amigos, de namoradas e ainda torcia para o Flamengo. Foi difícil para ele enfrentar essa barra e eu sinceramente acho que o apoio dos amigos foi fundamental para ele superar isso. Imagine só, no início ele não movimentava nem os braços. Ele ficava o tempo todo olhando o teto. Ainda bem que, de vez em quando, vinha alguém falar com ele ou ler para ele.

Sabe, José, ler esse livro me fez refletir sobre como nossas vidas estão vulneráveis. De uma hora para outra pode acontecer algo que mudaria toda a nossa vida. Uma decisão errada e tudo pode acabar. Ou podemos dar menos azar e começar um caminho de vida novo, tipo o caso do Marcelo. Ele disse no livro que não queria ser visto como herói, mas para mim ele é. Poxa, um cara que gostava tanto da vida, de sexo, de música, dos amigos, etc... Ter que aprender a viver novamente em uma cadeira de rodas.

Bom, José, eu acho que é isso aí, espero que tenha gostado de dividir minhas emoções sobre o livro. Uma boa tarde e até amanhã.

Falou!

Danilo Nunes do Carmo  
8ª série B

## **Dia 28 de abril de 2004. Quarta-feira**

Oi! Chegou a hora de eu conversar com você, amiga. Já tinha uma experiência contigo, diária e rotineira, hoje vai ser um pouquinho diferente. Resolvi contar sobre o livro que li para a aula de Português, aliás, eu não resolvi contar, eu preciso contar!

Deixa eu relembrar...

A professora tinha sugerido três livros diferentes, tínhamos que escolher um para ler, eu já tinha ouvido algumas amigas minhas comentarem sobre um dos livros da lista que se chamava “Depois daquela Viagem”, foi a partir daí que tive interesse de iniciar a leitura deste livro.

Nos primeiros dias de leitura, já comecei a me empolgar com o livro e com o tema em que ele estava centrado, a Aids. Ele contava a história da Valéria, uma adolescente que pegou Aids com dezesseis anos. Conforme eu ia lendo o livro, ia me colocando no lugar da autora, me vendo naquela situação. Certamente, eu não teria forças para continuar vivendo. Realmente, achei muito difícil acreditar que por trás daquele livro, existiu uma pessoa que passou detalhadamente por todas aquelas situações citadas.

De repente, o livro começa a mudar os conceitos que as pessoas têm sobre a Aids ou, até mesmo, fazer com que elas tomem os devidos cuidados para se prevenir da doença.

Foi muito legal mesmo ler este livro, não imaginava que fosse tão difícil conviver com o vírus e, de certa forma, lendo a história, eu pude ver a força que uma pessoa que possui o vírus tem que ter para continuar vivendo.

Acho que é isso amiguinha, gostei de ter feito esse comentário sobre o livro contigo. Até outro dia! Beijos.

Bárbara Carminatti Ghiggi  
8ª série C

---

Em sala de aula, foi feita uma análise de uma página do Diário de Anne Frank. A seguir, comparou-se o diário pessoal tradicional com os blogs que proliferam na internet hoje, quanto aos seguintes aspectos: perfil e objetivos de quem escreve, veracidade dos registros e existência ou não de leitores. Como fechamento da leitura de livros autobiográficos, foi solicitado o registro, na forma de uma página de diário, da experiência de cada um com a leitura do livro.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## Os culpados

Após ler o livro “O Bom Ladrão” fiquei me perguntando quem era o bom ladrão? Na “real”, ladrão nunca é bom, pois um roubo sempre prejudica alguém! O livro não fala quem é esse bom ladrão e nem quem roubou a bolsa de uma mulher...

Depois de “muito” pensar, cheguei a conclusão que o bom ladrão é o marido de Isabel, o Dimas, pois ele começou a roubar pela convivência com sua mulher, que roubava, e então ele, para experimentar essa sensação que sua mulher sentia, começou a roubar também.

Lembra da bolsa roubada? Pois é, pra mim e pra você também, pois eu vou convencer você, foram os dois juntos que roubaram a bolsa.

Primeiro que, ao ver o policial subindo as escadas em direção ao quarto, Dimas fala para Isabel: — “Estamos perdidos! Que é que você vai fazer?” (p. 80). Ao ler isso, vimos que ele fala a palavra ESTAMOS, que no nosso português: estamos! Quem estamos? Nós! Nós quem? Os dois, isso quer dizer que os dois estão perdidos, pois a polícia descobriu quais foram os ladrões da bolsa, com essa frase ou melhor, apenas essa palavra ele entrega os dois, tanto ele quanto ela.

Ela, ao mandar ele ir buscar a bolsa (p. 81), se entrega e entrega ele também, pois se ele sabe onde está a bolsa, no mínimo ele é cúmplice dela, não é?!

E leia isso que ele fala para Isabel: — “Buscar o quê? – tentei disfarçar, e falei baixinho: “— Você está louca, Isabel?” (p. 81). Viu? Ou melhor, entendeu? Aquele “tentei disfarçar” já diz que eles eram culpados, mas ele “tentou” disfarçar! Ah, e o falei baixinho também. Por que falar baixo se não tem nada a esconder? E tem mais, aquela expressão de medo: “— Você está louca, Isabel?” Querendo dizer você está louca, vai nos entregar?!

Uma das coisas que ele, no quarto, pensou foi: — “...traçar um plano. Tudo perdido, era tarde...” (p. 82). Esse tudo perdido quis dizer que todo o esforço dos dois foi por água abaixo.

Por isso foram os dois que roubaram a bolsa, a mulher por se entregar e o homem, só pelas expressões e pelas falas já dizia tudo, né?!

## **Dois em um**

Na minha opinião, o bom ladrão era ele, Dimas. Tentarei provar a culpa de Dimas e a inocência de Isabel com provas e evidências que continham a história.

Dimas era um sujeito muito calmo, desconfiado, porém decidido. Em questão de dias sua máscara de homem pacato caiu, ele não conseguiu manter sua posição com firmeza. Sua culpa fica evidente quando ele planeja roubar o livro. O jogo de sentimentalismo, alegando estar humilhado com esse ato, era só uma das muitas armas de disfarce de Dimas.

Outro fato que me colocou perto de desvendar que Dimas era realmente culpado foi a situação da bolsa que foi encontrada na casa da Isabel e do Dimas. A minha certeza não veio quando ele assumiu a culpa, pois isso era também uma de suas armas.

Mas desvendei tudo logo que soube que Dimas tinha duas personalidades, uma delas acolhia um Dimas pacato, tímido e sem ambição. A outra acolhia um Dimas enganador, ambicioso e esperto. Essa minha afirmação se confirma logo no final dessa investigação, quando Dimas se equivoca e suas duas personalidades vêm à tona e conseguem enxergar a Isabel como o Dimas pacato via e como o Dimas enganador via.

Ficou mais que esclarecido que Dimas era o culpado, utilizava suas duas personalidades para ocultar o verdadeiro culpado, que seria ele mesmo.

Kauane Gabriele Moreira da Silva  
8ª série C

---

Fernando Sabino, autor da novela “O bom ladrão”, não esclarece um roubo que ocorre no final da história. Após trabalhar a presença da argumentação em gêneros como história em quadrinhos, filme, propaganda e artigo de opinião, solicitou-se que os alunos elaborassem um texto se posicionando sobre o personagem responsável pelo roubo. Para tanto, deveriam apresentar evidências da história que convencessem o leitor de que a personagem apontada era a culpada.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## **Clonagem de plantas**

No dia 23 de setembro, quinta-feira, na primeira aula de Língua Portuguesa saímos do Colégio de Aplicação, em direção à IV S.E.P.E.X – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina- localizada em frente à Reitoria, na Praça da Cidadania. Com o objetivo de recolher informações que pudessem ajudar na nossa disciplina. Lá os trabalhos expostos eram organizados em pequenos estandes. Os trabalhos eram desenvolvidos em diversas áreas, tais como: Geografia, Literatura, História, Biologia, Engenharia, entre outras.

Devido à quantidade e à qualidade dos trabalhos expostos, ficamos em dúvida entre dois trabalhos. Estes foram: a clonagem de plantas (que acabamos por contar) e os alimentos hidropônicos. Acabamos entrevistando o professor e biólogo Paulo César P. F. Junior. Para ele, o objetivo da SEPEX é expor à comunidade as atividades realizadas nos laboratórios, abrangendo ensino, pesquisa e extensão.

O título do trabalho era: “A ciência em prol da natureza”, que foi realizado por diversos biólogos no laboratório da UFSC. O tema do trabalho é a clonagem de plantas, e o interessante é que os pesquisadores procuram fazer um trabalho que abrangesse diversas espécies de plantas, tanto frutíferas, quanto aquáticas.

Outros trabalhos que nos chamaram a atenção foram um que buscava mostrar a identidade africana. Além de acharmos um tema interessante, é também um assunto que está sendo estudado na disciplina de História; a escravidão – captura de negros africanos. Esse nos chamou atenção devido às informações sobre o continente africano, sua gente, os rituais, objetos culturais e principalmente as pessoas que estavam apresentando o trabalho, negros de descendência africana.

Outro trabalho que na nossa opinião é algo que será muito usado e conhecido em um futuro não muito distante são os alimentos hidropônicos. Eles são alimentos cultivados em uma espécie de tanque, onde um líquido avermelhado, contendo todas as substâncias necessárias para o cultivo dos mesmos, é bombeado até chegar no alimento. Esses alimentos têm uma característica diferente: não contém agrotóxicos e crescem muito mais rápido que os normais.

Outro estande que chamou muito nossa atenção foi o que mostrava os trabalhos produzidos por alunos do Colégio de Aplicação, pois conseguimos visualizar os nossos trabalhos.

Diana Maragno Minatto  
Mayan Cavalcanti Spach  
8ª série B

### Visita à 4ª SEPEX/ UFSC

Na quinta-feira, dia 23 de setembro a turma 8ª B foi para a SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão), dividida em duplas.

Nossa dupla, primeiramente foi no estande da ORM (Olimpíada Regional de Matemática). Pedimos para uma das representantes que estavam lá, para responder a uma pergunta, mas ela leu, fez uma cara de desentendida e disse que nós teríamos que respondê-la. Então fomos dar uma volta e olhar os estandes. Vimos vários estandes interessantes. Então paramos em um estande da LEMAT. Lá havia vários desafios, entre eles um quebra-cabeça poligonal.

Após tentarmos resolver alguns desafios, fizemos a mesma pergunta para a bolsista (Qual a definição ou objetivo da SEPEX?). Ela hesitou, pensou e respondeu: “ela tem como objetivo a integração dos expositores com visitantes, mostrar os trabalhos da UFSC para a comunidade e fazer um intercâmbio de informações”. O nome da bolsista é Daiane e ela é bolsista do laboratório de Matemática.

O estande da LEMAT nos chamou bastante atenção, pois havia muitos desafios que estimulam nossa capacidade de raciocínio ao mesmo tempo que nos divertimos.

Gostamos muito do passeio à SEPEX, pois conhecemos vários assuntos, como: saúde, trabalho, cultura, comunicação, direitos humanos, meio ambiente, tecnologia, educação e artes.

Lucas Bet da Rosa Orsatto  
Luiz Fernando de Amorin Jollembeck  
8ª série B

---

As saídas a campo são excelentes oportunidades para um aprendizado significativo. A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão é um evento aberto ao público, que ocorre anualmente na UFSC e possibilita uma visão ampla do conhecimento produzido nos diversos departamentos. A saída da escola, para visitar a SEPEX, com pranchetas e um roteiro para anotações objetiva a atividade e coloca os alunos em posição investigativa. O relato da saída – ilustrado por esses dois textos – é o momento de reflexão sobre e sistematização das observações feitas.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental

2004



## **Administração, um emprego para lidar com idéias e pessoas**

Neste texto, descreveremos uma entrevista feita com um profissional em administração, formado há 24 anos, na ESAG. Ele conta que está muito satisfeito com sua profissão, pois cumpre o que ele esperava.

Mostraremos impressões que tivemos com o entrevistado e também o que achamos de fazer a entrevista.

A entrevista foi feita por telefone, no dia 17 de abril de 2004, e teve duração de 30 minutos. Não sabíamos quem escolher, e o prazo já estava se esgotando, então, devido à sugestão do pai de um dos integrantes, escolhemos esse profissional em administração.

A parte que mais achamos surpreendente foi uma resposta em que ele conta que, nesta área, tendo experiência necessária, se consegue emprego. O surpreendente nisso é que mesmo aparecendo cada vez mais profissionais, também são abertas novas vagas de emprego.

O entrevistado é bem descansado, ele trabalha bastante, mas mesmo assim consegue tempo. Ele tem muita experiência nesse ramo, pois é um profissional formado há 24 anos, então já tem uma certa facilidade para tratar do assunto. Deste modo, a entrevista transcorreu rapidamente.

Nós nos sentimos, de certo modo honrados, fazendo essa entrevista, pois conseguimos entrevistar um profissional de alta categoria. De outro modo, essa entrevista foi muito significativa para nós, pois aprendemos muitas coisas para o nosso futuro.

Chegamos ao final deste relatório e com certeza estamos saindo com muito conhecimento ganho. Conseguimos perceber o humor do profissional e por fim achamos muito interessante ficar sabendo mais sobre o assunto.

Guilherme Miranda Moresco  
Leonardo Aurélio Barbosa Vieira  
8ª série C

## Nutrição, uma boa profissão

Em função da aula de Português, fizemos uma entrevista com uma nutricionista, no dia 16 de abril de 2004, quinta-feira, em sua casa, que durou 45 minutos, começando às 18h e 30. O assunto era sua profissão.

Escolhemos uma nutricionista, para fazer a entrevista, pois gostaríamos de saber um pouco mais sobre esta profissão e não tivemos dificuldades para marcar horário com ela.

Achamos interessante o fato de existir várias especialidades na profissão, que são: alimentação coletiva, nutrição clínica (ambulatório e hospitais), nutrição no esporte e área acadêmica (professor) e também existem muitas atividades que englobam várias coisas, como por exemplo: na produção de refeições, a pessoa tem que administrar o serviço de nutrição, treinar as pessoas, elaborar cardápios e controlar a compra e recebimento de gêneros alimentares, e não apenas fazer cardápios, que era o que pensávamos. Não imaginávamos que ela estava tão feliz nesta profissão, está certo que ela cuida do bem estar e saúde das pessoas, porém poderia estar enjoada de ver doentes muito magros ou muito gordos todos os dias.

Na entrevistada estava bem contente, respondeu as perguntas com vontade, mesmo nós perguntando mais de uma vez a mesma coisa, pois achávamos que ela tinha desviado do assunto pedido.

Gostamos muito de fazer a entrevista, pois a entrevistada nos tratou bem, assim conseguimos fazer um trabalho bem divertido, embora a parte de passar a limpo tenha sido entediante.

Elisa de Freitas Kuehlkamp  
Vicky Chula Martins  
8ª Série C

---

A discussão sobre a escolha da profissão começou durante a análise do filme “Sociedade dos Poetas Mortos” e desencadeou o trabalho com entrevista e posterior relato da entrevista - explorado nas disciplinas de L.P. e Sociologia. A escolha dos entrevistados ficou a critério dos interesses de cada dupla. O roteiro sugerido para a entrevista foi o disponibilizado no site <http://www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos>, acessado em 27/03/04 e para o relatório da entrevista - do qual os dois textos são exemplos - foi elaborada uma orientação específica.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Fundamental  
2004

## **Haja pneu**

Gostei da reportagem publicada no mês de setembro intitulada “Arrancada paulista reúne mais de 170 carros com aquecimento de pneu para cobrir tudo”. No primeiro domingo de agosto, reuniram-se 170 carros no autódromo de Interlagos, onde foram divididos os carros e seus respectivos pilotos nas seguintes categorias: de tração dianteira original e categoria dos importados. Estive presente nessa arrancada em São Paulo e gostei muito, pois pude observar com meus próprios olhos essas incríveis máquinas funcionando e para minha alegria o atual campeão esteve lá.

Márcio da Cunha Vergara  
8ª série C

## **Obesidade infantil**

Queria parabenizar o DC pela reportagem do dia 22/09/2004, “Obesidade infantil será combatida”. Acho muito importante fazer campanhas de esclarecimento sobre este tema, em especial dirigida às crianças, porque uma criança acima do peso tem maior probabilidade de vir a ser um adulto obeso e somente os bons hábitos alimentares podem resolver este problema. Logo, a divulgação de receitas saudáveis para as crianças e a distribuição de folderes e cartazes com informações sobre a obesidade contribuem para que se entenda que é possível adquirir bons hábitos alimentares sem muito esforço.

Elisa de Freitas Kuehlhcamp  
8ª série C

### Abandono de terrenos

Com relação a reportagem “Multa para o abandono de terrenos”, publicada no dia 22/09/04, me senti obrigado a fazer um comentário. Eu acho uma boa solução aplicar multas aos irresponsáveis donos de terrenos que não cuidam dos mesmos, colocando em risco a saúde dos vizinhos próximos. Moro no bairro Carianos e sempre temos reclamações de alagamento nas casas vizinhas a esses terrenos mal cuidados e sem drenagem.

Daniel do Prado Borba  
8ª série C

### Sonzeira

Adorei a matéria sobre o Linkin Park do dia 8 de setembro de 2004, principalmente, porque é difícil encontrar uma revista como a Istoé falando sobre essas bandas, apesar de fazerem o maior sucesso. Achei muito interessante, pois sou super fã do grupo e concordo que suas músicas passam mensagens que têm tudo a ver com a vida da gente. E não somos só nós, os adolescentes, que gostamos da banda, por exemplo o meu pai, ele acha a banda “super descolada”.

Ana Luiza Gaspar da Rosa  
8ª série C

No terceiro trimestre, foi trabalhado o gênero carta do leitor, durante o período de estágio obrigatório das acadêmicas do curso de Letras Português. Primeiramente, foram apresentadas cartas do leitor retiradas de jornais e revistas. Após, foram feitas leituras e exercícios de análises dessas cartas. Para concluir, cada aluno escolheu uma matéria de diferentes veículos de comunicação e produziu uma carta do leitor manifestando sua opinião sobre o assunto que tenha chamado sua atenção. Os critérios de avaliação foram o grau de informatividade do texto e o desenvolvimento de argumentos que fundamentaram a opinião do aluno. As cartas do leitor produzidas pelos alunos foram enviadas para os respectivos veículos e várias delas publicadas.

Nara Caetano Rodrigues  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Acadêmicas: Carina Carla Pamplona  
Elisa Rocha  
Ensino Fundamental  
2004

## **Kunta Kinte**

Tudo estava escuro, nada se via na imensidão da noite. Somente estrelas, os espíritos de seus ancestrais que pairavam sobre o céu de verão, quente e limpo...

Era noite de lua nova, noite onde a lua, mãe dos céus descansava.

O homem alto, negro como ébano, suave de tão quente em sua tenda. Se sentia sozinho, mas sabia que no próximo festival de primavera se juntaria com Okhala, sua prometida.

Levantou para lavar-se no rio. Caminhou para fora de sua tenda com apenas uma tocha acesa em sua mão esquerda, tudo estava quieto. Nenhuma criatura se movia na escuridão, somente o farfalhar das árvores podia ouvir-se.

Kunta lavou-se na água sentindo cada parte de seu corpo agradecer aquela água fresca que lhe proporcionava um alívio em sua escura pele.

O silêncio era absoluto. Fitou o céu estrelado com os pensamentos longe de serem alcançados. Saiu da água e enxugou-se pondo a roupa de volta.

Caminhava lentamente para sua tenda, o caminho era um pouco grande, pois o rio ficava no coração do bosque.

Kunta sentiu que o arbusto farfalhou de modo suspeito, mas um coelho provavelmente, pensava ele. Sentiu algo se aproximar rápido e se virou, tarde demais, viu somente um pedaço de madeira acertar-lhe a cabeça. Tudo escureceu.

Kunta acordou de súbito, sentiu o ferimento e fez uma careta ao tocar.

Tentou se levantar, em vão, voltou a sentar-se com um puxão que o fazia voltar para o solo. Eram grilhões. Kunta não entendeu porque estava preso, mas sabia que não fizera nenhum mal. De súbito apareceu uma luz, cegara-lhe temporariamente até que se acostumasse com a claridade e se espantou ao ver um homem branco!

Sabia de sua existência, mas lhe falaram que vivia além do grande mar. Como era possível um deles aqui?

O homem de trajes da cor de seus olhos verdes examinava-o. Falou com um segundo que assentiu com a cabeça ao falar-lhe em uma língua totalmente desconhecida. Mas Kunta sabia que falavam dele. Começou a entender porque fora capturado, soubera de alguns boatos de que existiam tribos que se aliavam à brancos homens vindo do grande mar para que dessem fim à seus inimigos. Mas não sabia que um dia presenciaria

tal cena. Sua tribo era pacífica, não tinha quase nenhum inimigo, a não ser é claro, pelos homens do litoral, sim, fazia sentido. Kunta porém, não via ainda claramente as figuras, pois a pancada o acertara em cheio.

Kunta contava três dias que estava naquele lugar.

De súbito, entrou um homem de média estatura de cores escuras, mas não tanto quanto Kunta. Observou-o. O homem fez um sinal para que saísse. Kunta obedeceu, caminhou até o ponto onde raras vezes de sua curta vida que virem o mar. O sol estava a pino e estava por demais quente. Kunta fora levado para um grande bote, onde com ele, foram levados mais uns 359<sup>1</sup> negros inclusive homens e mulheres. Kunta arregalou os olhos ao ver que sua Okhala estava entre eles. Ficou tão contente que gritou seu nome e correu em sua direção. Não pode conter tal felicidade Okhala sentia o mesmo, mas parou boquiaberta quando viu Kunta sendo acertado nas costas por um quarto homem branco como a neve que tinha em suas mãos uma coisa que nunca vira antes. Tinha cabo de madeira e depois, o mesmo material que usavam como lâminas, só que em forma de um tubo... Quando menos esperou, ouviu-se um estouro, parecia o trovão saindo daquele instrumento tão estranho e de repente, se viu em pânico. Um homem puxou-a para o seu lugar com brutalidade, fazendo com que sentasse violentamente.

Ela só chorava...

No navio, já desperto, Kunta se viu amarrado junto de milhares de pessoas num lugar tão pequeno e abafado o que o preocupou muito. Procurou por Okhala, mas não conseguia ver muito bem.

O navio começou a se mexer de um lado para o outro, para cima e para baixo num ritmo lento e calmo. Fechou os olhos.

No dia seguinte, todos foram para o convés onde tomavam sol e respiravam. À noite foi negra. O mar calmo e amigo se transformara numa fera que tentava engolir sua presa. O vômito causado pelos movimentos os fazia enjoar ainda mais. As fezes e urinas fediam e faziam com que vomitassem mais e mais. Era quase insuportável o cheiro e os gritos das mulheres e homens que se desesperavam perante a situação. Kunta agüentou tudo, rezando e implorando para que tivesse fim.

A brisa amansava com o tempo, fazendo com que as ondas diminuíssem seus movimentos. Mas o cheiro era horrível, aquela podridão em seus pés, fora o que caía do compartimento de cima.

<sup>1</sup> Somente naquele bote

Os homens brancos levaram todos para o convés e ouviu uma melodia estranha vindo de um instrumento mais estranho ainda. Os homens brancos pegaram algumas negras, forçando-as a dançar. Kunta viu seu sangue ferver ao ver que Okhala fora forçada a fazer tal coisa, mas não queria levar mais pancadas. Só podia praguejar e rezar para que nada lhe acontecesse.

O homem se esfregava em Okhala que tentava escapar-lhe. De súbito o homem deu-lhe um bofetão que a fez cair no chão, Kunta estava já gritando. O homem vendo a reação daquele animal percebeu que aquela fêmea tratava-se de sua companheira. Fez sinal para que a música parasse e dois homens vieram segurar a moça com o intuito de mantê-la no chão. Kunta esperneava tentando soltar-se dos grilhões, em vão. O homem a havia maculado. Kunta não acreditava no que via, só sentiu outra pancada e desmaiou.

Kunta não se conformava, Okhala, sua Okhala, aberta por um homem estranho.

O porão abriu-se de novo. Os homens trouxeram uma comida que mais parecia vômito, até lavagem seria melhor, mas eram alimentados de dois em dois dias, tinha de comer. A comida era selecionada e distribuída de forma desigual, na qual só os saudáveis comiam.

Mais tarde os doentes foram levados ao convés, separados dos demais que olhavam. Eles foram lançados ao mar, vivos. Kunta só ouvia gritos de desespero e de repente, viu Okhala no meio dos que estavam sendo puxados para o mar. Petrificou-se, depois, gritou-lhe o nome. Ela o viu e gritou:

- Kunta, Kunta me ajude!

- Kunta, eu o tenho em meu coração...

E assim, Okhala afunda com os demais.

Kunta chorou por dias, a voz de “sua mulher” ecoava em sua cabeça.

Até que o cansaço venceu e dormiu num sono profundo, mas turbulento.

“Kunta só via Okhala ser violentada pelos homens e depois de terminado, sangrava, seus seios feridos e o pior, a seus olhos. Seus olhos mostravam algo maior que dor ou humilhação, algo que não poderia explicar. Sua vida fora sugada naquele momento, era uma casca vazia e sem alma”.

Depois, viu-a ser atirada no mar, seu coração... Suas palavras afundaram em sua memória, assim como Okhala afundara no mar. Em desespero”.

Kunta acordou soado, estava tremendo e de repente reparou que o barco parara de se movimentar. Chegaram.

O porão abriu. Apareceram os homens que se vestiam de uma maneira muito estranha e os conduziram para o convés. Jogaram água fria sobre seus corpos sujos e cheios de feridas. Kunta estava com a nuca cheia de mosquitos em volta, devido as fortes pancadas, abriu-se uma ferida que infeccionou com a falta de higiene, dando a Kunta, dores e comichões insuportáveis. Os parasitas alimentavam-se de seu sangue e botavam ovos na carne ferida.

Depois de limpos e “cuidados”, foram levadas para a terra.

O homem negro ficou nu em meio a multidão de estranhas pessoas incrivelmente claras. Ouviam-se somente a gritaria dos estranhos que leiloavam a negra mercadoria.

Um negro olhava atento ao homem que estava do seu lado brandindo, os braços para o alto e falando numa língua que não conhecia.

Fora comprado por um homem velho, de cabelos grisalhos e era corcunda.

O negro foi levado preso aos grilhões na carroça cheio de gaiolas com porcos e galinhas.

O corpo ferido e exausto, lavado com água de pior qualidade foi levado para um barracão e jogado entre várias pessoas.

Kunta olhou em volta e viu pessoas com a mesma cor de sua pele olhando com atenção, viu que se vestiam de um jeito parecido com dos brancos.

O tempo passou, Kunta tinha contado seis anos após sua captura. Juntou-se com Cogaz, uma bela negra de vinte verões com quem teve quatro filhos.

O senhor observava seus escravos e mandou chamar Kunta.

Seu senhor o forçou a ter muitos filhos com muitas mulheres. O alto negro se sentia horrível, mas cada vez que se recusava a fazer levava chibatadas violentas. Certo dia, Cogaz ouviu gritos em um barracão afastado dos demais e espiou. Era Kunta gemendo de dor e sangrando, enquanto obrigavam-no a ter relações com outra mulher que também chorava. Cogaz entrou na sala com um pedaço de madeira e tentou um golpe contra o capataz. Acertou-lhe a cabeça, saiu em direção ao senhor, mas foi acertada com uma bala em sua cabeça. Caiu inerte no chão. Kunta gritou, mais levou um tiro de raspão e caiu desmaiado.

Levantou ao anoitecer e como uma pantera, espreitou-se pela casa principal, subiu as escadas, passou pelo corredor e achou o último quarto. Entrou no quarto, estava escuro e silencioso. Kunta chegou ao pé da cama e acertou com um só golpe o coração do senhor. Ele estava banhado de sangue e com outro golpe, silenciou o



homem velho. Desferiu outro golpe contra si mesmo em seu pulmão. Caiu no chão e sentiu sua vida esvair-se à medida que o sangue escorria no chão.

Viu somente escuridão, caminhava no escuro até que uma luz forte veio em sua direção. Cegou-lhe por uns instantes até se acostumar com a forte claridade. Quando se deu conta, estava voando sobre o mar! Sentia que a brisa o levava para o seu lugar. Deleitava-se com aquela maravilhosa sensação. Avistou uma terra que lhe era familiar. Viu a floreta passar por baixo de seus pés e avistou um vilarejo, era sua tribo. Ao pousar, viu dois vultos na frente de sua tenda. Era Okhala e Cogaz, jovens como as conhecera. Correu até elas e se abraçaram. Percebeu então que ainda usava os grilhões e que estava da mesma forma em que morrera, não rejuvenescera como elas. Por quê?

De repente, os grilhões se soltaram e sentiu que flutuava no ar novamente. Viu sua pele enrugada e velha, se tornar bela e nova. Quando desceu, viu que enfim se libertara. Pensou no dia em que estava com muito calor e resolveu nadar, sendo capturado e levado a um navio, navegando por mares que desconhecia os nomes, lembrou-se de como Okhala e Cogaz morreram e dos filhos que deixara ao cometer aquele homicídio. Tudo terminara, estava livre e feliz. Finalmente pensou e disse:

– Estou de volta...

Susan T. Kakihara  
8ª série A

## **Carta para a liberdade**

Até hoje me lembro daqueles dias na África, nós não tínhamos muita comida e vivíamos fugindo dos traficantes e das tribos inimigas, mas era melhor do que essa vida que levo agora. Tudo mudou há exatamente quatro meses atrás, quando fui pego dormindo por um traficante. Ele me trouxe pra este lugar de Navio, quase morri durante a viagem, recebíamos pouca comida por dia, muito pouca, e vimos o sol duas ou três vezes na viagem toda, meus olhos já tinham quase esquecido a cor do céu. Cheguei a rezar para morrer como os outros muitos companheiros, mas não tive a sorte. Cheguei quase verde nesta nova terra, nem pude acreditar. Mas o que parecia sonho virou pesadelo, o trabalho aqui é muito difícil. Logo que chegamos, fomos levados ao mercado onde fomos vendidos para os senhores, eles escolhiam o que vestiríamos, o que comeríamos e o quanto trabalharíamos. Durante este tempo que estive nesta terra muitos companheiros fugiram; fiquei tentado a ir junto, mas tive a esperança de sermos libertados dessa vida. Mas a minha esperança acabou por aqui, muitos companheiros já se mataram achando que a liberdade vem junto, mas por mais que não venha liberdade, vou me juntar a estes companheiros para termos um bom descanso.

Bárbara Carminatti Ghiggi  
Vicky Chula Martins  
Hanna Schott  
8ª série C

---

Após o estudo das origens da escravidão negra no Brasil e seu papel na sociedade colonial, os alunos das oitavas séries foram estimulados a utilizar a imaginação para criar histórias de vida de escravos durante os séculos XVI e XVII, período onde a cana-de-açúcar foi o principal produto da colônia. Nestes textos, os alunos procuraram ressaltar algumas das principais dificuldades enfrentadas pelos cativos desde sua captura na África até os maus tratos nos engenhos canavieiros.

Manoel P. R. Teixeira dos Santos  
Professor-orientador/ História  
Ensino fundamental  
2004

## Sarafina, o som da liberdade I

*Sarafina o som da liberdade* (1992) é um musical, estrelado peça atriz Whoopi Goldberg (Sra. Masambuca) e Leleti Khumalo (Sarafina) e dirigido por Darrel James Roudt, com 96 min. de duração. Relata alguns fatos que fazem parte da história da África do Sul.

O filme se passa no ano de 1986, em Soweto, na África do Sul. Um bairro para negros onde todos viviam em pequeno espaço de terra, pois na separação - Apartheid a maior parte das terras eram dos brancos que eram minoria e apenas uma pequena porção era destinada aos negros que eram a grande maioria. Conta a história de uma jovem negra chamada Sarafina, a jovem tinha como ídolo Nelson Mandela e tinha o sonho de ser famosa, mas convivia com as conseqüências do Apartheid, que iniciou oficialmente em 1940. Na escola em que estuda, sua professora preferida, não só sua, mas de muitos outros colegas influenciados pela situação em que viviam e pelos ideais de sua comunidade, resolvem entrar em ação para acabar com a tortura e desigualdade (mostrado no filme onde aparece a casa de Sarafina e pouco depois a casa onde sua mãe trabalha como doméstica na casa de brancos) feita pelo branco dominador, também chamados de Boêrs ou africânderes (os descendentes de holandeses).

Todo esse massacre aos negros não aconteceu de uma hora para outra. É um fato que iniciou quando a África do Sul tornou-se possessão holandesa, depois inglesa e tomou força com a independência.

Durante o Apartheid, houve muitos massacres e manifestações, como os relatados no filme, em que os jovens eram presos (mesmo sendo menores de idade) maltratados, muitas vezes mortos, que atingiram a sociedade negra até 1994, quando o Apartheid “acabou”. Os primeiros sinais do fim do Apartheid começaram com o mandato de Frederic de Klerk em 1989. As leis começaram a mudar, pois houve uma grande pressão externa que outros países faziam a esta situação, assim foi “obrigado” a ceder um pouco nas leis do Apartheid. Com a conquista do direito de votar, a população negra começou a entrar na sociedade e conseguiram eleger Nelson Mandela (um político negro que lutava contra o Apartheid) como presidente, então as coisas mudaram e o Apartheid “acabou”.

Na verdade não podemos dizer que o Apartheid acabou de fato, apesar de as leis terem mudado, ainda há uma grande discriminação em relação aos negros, como na contratação na área de trabalho, todos preferem os brancos pois a maioria dos brancos teve acesso a escolas particulares. Já os negros não, estudavam em escolas públicas somente para negros e que não eram tão boas. Na área de saúde muitos não têm conhecimento das necessidades básicas para uma vida saudável ou não têm recursos para tal, um fato que demonstra essa falta de conhecimento é o grande número de pessoas atingidas pelo vírus da AIDS. Por esses aspectos o desemprego continua e a pobreza é grande. Por isso apesar das mudanças nas leis, não houve uma grande melhora para essa geração, mas isso pode ir mudando com as novas oportunidades para as novas gerações.

Este filme relata a situação passada pela África do Sul, o Apartheid, mostrando as manifestações dos jovens naquela época de sofrimento. Apesar de ser um musical expressa bem esses aspectos históricos e geográficos, com algumas cenas marcantes e emocionantes e outras até divertidas. Recomendado para pessoas que queiram saber um pouco da história da África do Sul, e para quem gosta de musicais, bom para ser usado como filme didático.

Júlia de Fáveri  
8ª série B

## Sarafina, o som da liberdade II

O filme *Sarafina, o som da liberdade*, é um musical dirigido por Darrel James Roudt e produzido por Anant Singh em 1992. Estrelado pela Whoopi Goldberg (que interpreta a senhora Masambuca, uma professora revolucionária, que desafia as autoridades e ensina aos alunos o que não está nos livros escolares) e pela Leleti Khumalo (a Sarafina, uma aluna influenciada pelas lições dadas pela professora, na qual mais tarde terão um impacto capaz de mudar para sempre sua vida).

A história se passa em 1986, na África do Sul, e conta a história de uma jovem negra que conta a história na forma de uma carta a Nelson Mandela. Mora na periferia em um bairro afastado (no qual era comum negros serem isolados), chamado Soweto, onde sofre com o regime do Apartheid. Sua mãe trabalha como doméstica numa casa de brancos, onde tira o sustento para sua família.

Estimulada por sua professora e tendo como herói Nelson Mandela, Sarafina e os alunos da pequena escola onde estudam encontram um modo de se manifestar, revoltados e cansados da tortura e das recriminações feitas pelos Boêrs, o branco dominador (ou africânders, sul-africanos descendentes de holandeses), acabam se rebelando, e iniciam uma forma de manifestação encontrada por eles (os atos de violência contra os Boêrs que cercavam a escola não tiveram resultados, os alunos acabaram sendo fuzilados em pleno pátio da escola).

Essa discriminação e injustiça racial que é mostrada no filme vêm desde sua colonização. A África do Sul foi uma região dominada por colonizadores de origem inglesa e holandesa que, após a guerra dos Boêrs, passaram a definir a política de segregação racial como uma das fórmulas para manterem o domínio sobre a população nativa (essa política ficou conhecida como Apartheid). Mas o Apartheid realmente iniciou em 1948, quando os africaners (brancos de origem holandesa) através do Partido Nacional assumiram o controle hegemônico da política do país. Algumas leis foram criadas como “O Ato de Terras Nativas” forçando aos negros a viverem em reservas especiais, como o bairro de Sarafina.

Nelson Mandela na época do Apartheid foi um lutador incansável pelos direitos humanos na África do Sul, mas em 1964 foi condenado a prisão por ser acusado de conspirar para derrubar o governo através de atos de violência. Não só Sarafina mas a maioria dos negros que viviam na África do Sul, tinham Nelson Mandela como ídolo graças a sua força de vontade de lutar contra as injustiças do Apartheid. Quando estava preso tinha como discurso que era disposto a morrer para pôr fim à dominação branca.

O filme mostra a brutalidade, o preconceito e a discriminação em relação aos negros. Os absurdos da humanidade. A exclusão dos negros para a educação, saúde e emprego até mesmo na imensa desigualdade de divisão de terras no país (pois os negros sendo a maioria ocupavam somente 13% das terras do país enquanto os brancos, minoria, ocupavam 87%).

Quando o presidente Fredrick de Klerk, por opressão de outros países, cria uma lei dando direito aos negros votarem, e com a liberação de Nelson Mandela, por maioria dos votos (negros) Nelson Mandela é eleito presidente, fazendo com que o país começasse a caminhar em direção à democracia. Apesar de tudo, a África do Sul conseguiu crescer e hoje é o país mais “desenvolvido” da África, com a maior economia.

Sarafina lutou pelos seus direitos, que nem fez Nelson Mandela, mostrando que nenhum tipo de repressão consegue conter a sede de liberdade de um povo.

O filme apesar de ser um musical, retrata muito bem o que foi o Apartheid, e quanto a população negra sofreu com isso. É um bom filme, com bons atores e belas interpretações, bastante impactantes e emocionantes, não precisa de muito conhecimentos sobre o assunto, é aconselhável ver o filme para pessoas que se interessam por Geografia e pelo conflito pelos quais a África do Sul passou.

Ruth Steyer Araújo  
8ª série B

### Sarafina, o som da liberdade III

O filme *Sarafina, o som da liberdade* é um filme de gênero dramático que retrata alguns aspectos da África do Sul no regime do Apartheid, que durou de 1940 a 1994. Este regime pregava a separação entre brancos, caracterizado pelo grande controle imposto aos negros, pelas diferenças sócio econômicas entre brancos e negros. O filme também retrata as formas de manifestação contra o Apartheid e as condições de subdesenvolvimento do país. Este foi produzido em 1993 e conta com as atrizes Whoopi Goldberg e Leleti Thumalo como protagonistas e Darrel J. Roodt como diretor.

Este drama mostra as grandes dificuldades vividas pelos negros durante o regime do Apartheid, as formas de controle dos negros, as manifestações de rejeição a este regime, as diferenças sociais existentes entre brancos e negros e o estado de miséria da população negra. Para uma melhor compreensão do filme, é necessário conhecer um pouco do regime Apartheid, da colonização da África, sobre uma figura importante nos protestos contra o Apartheid, que é Nelson Mandela e também da situação sócio econômica da África do Sul no regime do Apartheid.

A questão do controle dos negros é bem representada no filme. Durante o Apartheid, os adolescentes negros freqüentavam uma escola totalmente controlada por bôeres (brancos de origem holandesa), a fim de impossibilitá-los (os negros) de formarem uma opinião crítica e se rebelaram contra o Apartheid. Este controle impossibilitou também a capacitação profissional dos negros, que hoje, por este fato estão desempregados, pois o investimento e a fundação de empresas esbarra na falta de profissionais capacitados.

O filme também mostra as imensas desigualdades sociais existentes entre brancos e negros durante o regime do Apartheid. Aos negros, sem nenhuma capacitação, restava apenas empregos como: empregadas domésticas, pedreiros, jardineiros e o trabalho na agricultura. Os brancos, por sua vez, possuíam todas as riquezas para si, podendo adquirir os melhores produtos, melhores empregos, melhor educação...

O filme também retrata de forma bastante realista a miséria dos negros. Vivendo em barracos mal estruturados, sem saneamento básico, condições de comprar alimentos, na maioria das vezes importados, o que eleva bastante os preços. Fatores esses, que fazem com que a metade da população atual viva abaixo da linha da pobreza, apesar de não mais viverem no Apartheid.

As manifestações da população negra também são muito bem representadas no filme. Revoltados com o regime do Apartheid, os negros procuravam várias formas de protestos, sendo uma delas destruir as salas de aula, que eram o símbolo do controle branco sobre os negros, impossibilitando-os de formar um pensamento crítico e sistematizar rebeliões contra os bôeres. Porém, não existia apenas esta forma de protesto. As manifestações políticas, de Nelson Mandela, culminaram em uma resistência mais aceitável e influenciativa, tanto que, em 1994, aliado a pressões externas, aboliu o regime do Apartheid e instalou a democracia na África do Sul.

O filme mostra um fato fora do contexto da África do Sul, durante o Apartheid: A questão da aquisição de armas na África, que no filme é adquirida para autodefesa, mas, na realidade, as armas foram compradas por grupos nacionalistas para lutar por sua independência, o que contribuiu também para o empobrecimento do continente africano e para o aumento da criminalidade. Além disso, os acontecimentos não são bem explicados e relacionados entre si, sendo um pouco difícil de situar os acontecimentos e concluir razões para estes acontecimentos.

Porém, é bastante interessante assistir a este filme, pois ressalta alguns aspectos sociais, políticos e econômicos importantes na formação atual da África do Sul e também demonstra grandes valores do ser humano: a persistência e esperança.

Daniilo Vitor Lopes de Andrade  
8ª série C

---

No terceiro trimestre de 2004, um dos aspectos estudados nas 8ª séries sobre o continente africano, foi a problemática do Apartheid. Após as discussões contextuais, assistimos o filme *Sarafina – O som da liberdade*. Como atividade de avaliação foi solicitado aos alunos a produção de uma resenha crítica sobre o filme, em que fossem contemplados os conteúdos trabalhados sobre o tema. Esta atividade ocorreu em parceria com a disciplina de Língua Portuguesa que ofereceu subsídios necessários à estruturação do referido trabalho.

José Carlos da Silveira  
Professor-orientador/ Geografia  
Ensino Fundamental  
2004



**FOLDER: Who Killed Mrs. Touch?**

Script: Danilo, Daniel, Humberto

Sound track: Vinicius F., Daniel

Costumes: Camila, Susan, Vicky

Light / sound effects: Vinicius F., Vinicius S., Caio

Supervisor: Teacher Marimar da Silva

**Characters' presentation**

Susan (Mrs. Touch), Vicky (Baby Look), Elisa (Dye Smart), Camila (Strange Painful), Lucas (Husband), Bruno (Detective), Luiz Fernando (Assistant), Danilo (Narrator), Daniel (Red Nose), Humberto (Sugar Sweet Love)

**Characters' description**

**Mr. Disk O. Very** is a famous detective. He has a very difficult case to solve. Four people are considered suspicious of Mrs. Touch's death. He is going to ask each person what they were doing two hours before Mrs. Touch's death. **Repetitive Shadow** is the detective assistant. He is the shadow of the detective and is always repeating what the detective says. **Mrs. Touch**, 53 years old, a rich lady of our society, was found dead in her bedroom. **Mr. Hard Touch** is a famous medical doctor and he is the husband of Mrs. Touch. **Sugar Sweet Love** is the son of the director of the hospital where Mr. Hard Touch works. He is a veterinarian student. He is 23 years old. He is in love with Mrs. Touch's daughter, Baby Look, but she doesn't accept their love. **Baby Look** is Mrs. Touch's daughter. She loves Sugar Sweet Love, but she's very young. **Miss Strange Painful** is Mrs. Touch's secretary. She has been working in the house for fifteen years. She takes tranquilizers because she has nervous break down very often. **Red Nose** is the brother of Mr. Touch. He doesn't work, he drinks, gambles, exploits his brother, but he loves him very much. **Dye Smart** is Mrs. Touch's step daughter. She is very egotistical, egocentric, and superficial.

## The Play: Who Killed Mrs. Touch?

### Part 1: Before Mrs. Touch's death

#### Scene 1

**Narrator (everything in bold): It is in the morning and the Touch family is having breakfast when Sugar Sweet Love arrives at the dinning room with Baby Look, Mrs. Touch's daughter. Mrs. Touch is very annoyed and shouts at him.**

Mrs. Touch: What are you doing here? I've already told you that I don't want YOU in my house.

Love: I know that. But you have to understand. I love your daughter. I wanna marry her. Besides, I slept here last night and what's done is done. There is nothing you can do now. We are gonna get married YOU like it or not.

Mrs. Touch: (very angry) Go to your bedroom, Baby Look. And you Mr. Love, get out of my house otherwise I'll call the police to arrest you for invasion.

Love: I will, but things are not gonna be that easy madam.

#### Scene 2

**After breakfast, Mrs. Touch went to her office to talk to her secretary.**

Mrs. Touch: Morning Dye! Do you have any message for me?

Strange: No, I don't. (whispering) Damn, always the same question every morning!!!!!!!!!!!!

Mrs. Touch: What are you saying? Do you want to be fired?

Strange: It's up to you, (shaking the shoulders) but you have to be aware of the consequences.

Mrs. Touch: What do you mean?

Strange: You know what I mean!!!!!!!!!!!!

Mrs. Touch: You shut up and do your job!!!!!!!!!!!! I'm going out.

**And then Mrs. Touch goes out. The secretary looks for her tranquilizers.**

Strange: Where are my pills? This woman drives me crazy.

### Scene 3

**When Mrs. Touch arrives home, she finds her stepdaughter wearing short and sexy clothes, indecent clothes in her opinion, and she has a strong argument with her.**

Mrs. Touch: You look like a hooker on these clothes!!!!!!!!!!

Dye: leave me alone!!!!!!!!!!!!!! It's not your business!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Mrs. Touch: Respect me I'm your mother!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Dye: You're not my mother, you're my stepmother. I don't need to respect you!!!!!!!!!!!!!!

**And then Dye Smart slams the door and goes away!!!! Mrs. Touch goes to bed.**

### Scene 4

**At this moment Red Nose arrives at the Touch's house. He wants some extra money from his brother in order to pay his gambling debts. He rings the doorbell and Miss Strange Painful opens the door. She is cleaning the office.**

Red: I wanna talk to Mrs. Touch. Is she at home?

Strange: No, she's sleeping.

Red: Good. Where's Dye Smart?

Strange: She went out. Mrs. Touch and she had an argument and she went out.

Red: Perfect!!!!!!!!!!!! (with a wide smile on his face) And where's Baby Look?

Strange: I don't know, but I think she's with Sugar Love. They also had a strong argument with Mrs. Touch this morning. Sugar Love slept with Baby Look and Madam got crazy about that.

Red: It couldn't be better!!!!!!!!!!!!!!(smiling and scratching his hands) So, where's my brother?

Strange: I don't know, maybe at the hospital.

Red: OK. Bye

### Scene 5

**Red Nose goes out and Baby Look arrives throwing her clothes to Miss Strange Painful.**

Baby: Be careful with my clothes. They're very expensive!!!!!!!!!!!! Where's mom?

Strange: I'm not sure. I think she's sleeping. She had a terrible morning because of you and your boyfriend!!!!!!!!!!!!

Baby: It's not your business!!!!!!!!!!!!!! Shut up!!!!!!!!!!!!!! Is there anything to eat?

Strange: (very sarcastic) In the kitchen, young lady.

At seven pm Mr. Touch arrives home, goes to his bedroom, opens the door and finds Mrs. Touch dead. There was a knife near her body. He is shocked and screams (serene sound). Baby Look and Miss Strange Painful run to the bedroom. Everybody is shocked. They decide to call the police (serene sound). A detective arrives. His name is Mr. Disk O. Very, the most famous detective in town, and he brings Mr. Repetitive Shadow, his assistant, with him. In the crime scene they've found a knife with Mrs. Touch's blood, some pills, a diary and some telephone numbers. The autopsy revealed Mrs. Touch died between 5 and 7 pm.

The detective begins the investigation.

## **Part 2: At the police station**

### **Scene 1**

Detective: Mr. Love, Sugar Sweet Love, right?

Love: Right.

Detective: Where were you between 5 and 7 pm on the day of the murder?

Assistant: Yes! Where were you between five and six pm? (always repeating the detective words).

Love: I was in my office doing my job. I work in a vet office from 3 to 7 pm.

Detective: Can you prove it?

Assistant: Yes, Can you prove it?

Love: Yes, my colleagues and patients can tell you that I was there at that time.

Detective: That's all for now. Thank you, Mr. Love.

Assistant: Yes, that's all for now. Thank you, Mr. Love.

Detective: Follow Mr. Love to the door.

Assistant: Yes. Follow Mr. Love to the door.

**Then, Ms Strange Painful comes.**

Detective: Come in! Take a seat. What's your full name and occupation?

Strange: (showing sadness) My name is Strange Painful, the secretary.

Detective: Ms Painful, how long have you been working for the Touch family?

Strange: For about fifteen years.

Detective: What were you doing between 5 and 7 pm on the day of the murder?

Strange: My job, of course. I was cleaning the house.

Detective: Can you prove it?

Strange: Sure, Mr. Red Nose went to the house soon after breakfast. He asked me many questions and after some minutes went out. In fact, I think he wanted to talk to Mr. Touch. He is always in trouble. I mean, he is addicted to gambling and the poor is not a lucky person. And the poor doc is always lending him some money. You know, they are brothers and Mr. Touch feels responsible for his younger brother. In fact, he overprotects his brother.

Detective: That's all Ms Painful. Thanks for your cooperation.

Assistant: Yes, that's all Ms Painful. Thanks for your cooperation.

**Then, Red Nose enters the room.**

Detective: Good morning, Mr. Red Nose. Where were you between 5 and 7 pm on the day of the murder?

Red: I went to my brother's house.

Detective: I see. Can you prove it?

Assistant: Yes. Can you prove it?

Red: Of course. I talked to Ms Painful. She was the only one in the house.

Detective: How do you know?

Red: Well, I wanted to talk to my brother.

Detective: And so.....?

Red: Well, we are a very united family and, as my brother was not at home, I intended to talk to anyone in the house.

Detective: I see... You are a very united family.

Assistant: I see... You are a very united family.

Detective: Tell me Mr. Nose. What do you do for a living?

Red: Well.... In fact I'm unemployed at the moment.

Detective: I see... Have you ever had any job?

Red: Well... I think this is irrelevant.

Detective: Mr. Nose, I'm the one who decides what is relevant or irrelevant here, OK?

Red: I'm sorry, Mr. Disk O. Very. You know, I'm very shocked with my sister in law's death. I did not mean to be rude.

Detective: That's all for the moment, Mr. Nose. Thanks.

Assistant: Yes, that's all for the moment, Mr. Nose. Thanks.

**Then, Ms Dye Smart enters the room.**

Detective: Where were you between 5 and 7 pm on the day of the murder, Ms Smart?  
Dye Smart, right?

Dye: Yeah!!!!!!!!!!!! I was in the mall. I had to buy some stuff on that day. I always go to the mall when I'm angry. It is the only thing that makes me feel happy again. By the way, I bought these pair of paints. Did you like them? And this T-shirt, it's cool, isn't it?

Detective: I see. Can you prove it?

Assistant: Yes. Can you prove it, Ms Smart?

Dye: Prove what? I don't have to.

Detective: Oh yes, you do. And let me tell you something young lady, I am the one who decides what you have or what you don't have to tell me, OK? I'm gonna ask you again lady. Can you prove that you were at the mall between five and seven pm on the day of the murder, lady?

Dye: OK, OK, don't be angry, baby. I can prove it. I always buy my stuff at GOGO store. I can give you their phone number. You check it if you want to.

**Ms Dye Smart writes the telephone number on a piece of paper and gives it to the detective.**

Detective: Thanks for your cooperation, young lady. Mr. Shadow, drive Ms Dye Smart to her house. It is too late for a young lady to go home alone.

Assistant: Yes. Follow me, please.

## Scene 2

**Alone in his office, the detective begins putting the pieces of information together. When Mr. Repetitive Shadow arrives they talk about the case.**

Detective: What do you think, Shadow?

Assistant: Yes. What do YOU think? I think what you think.

Detective: Well, in my opinion it was Red Nose. The time he gave us doesn't fit. In fact his alibi was not strong enough. Let's put some pressure on him. I'm sure he's gonna confess his crime.

(siren sound) So, they take the police car and go for Red Nose. When they arrive, they persuade Red Nose to tell them everything.

Red: Stop, please. I'll tell you. I'll tell you. I'll tell you. I'll tell you. (almost crying)

Detective: Yes. Throw up!!!!!!!!!!

Assistant: Yes. Throw up!!!!!!!!!!

Red: I had to pay back a great amount of money. There was nobody home, only Ms Painful, who was doing the laundry in the basement. So I went upstairs, the safe is in my brother's bedroom. My sister in law was already dead. It was not me. I swear to God. I only cut her finger off because she had a valuable diamond ring on it. It was only her finger. I swear to God. Someone else killed her before I had cut her finger off.

Detective: You bastard!!!!!!!!!! What do you say about the diary, the pills, and the phone numbers beside the body?

R: I don't know. I even didn't notice that. I swear to God!!!!!!!!!!!!!! I took the money and the ring and went away. It was not me, please. Let me go, please.

Detective: OK. I'll give you a break, but I'm gonna keep my eyes wide open on you. You bet that!!!!!!!!!!!!!!

Assistant: Yes. You bet that!!!!!!!!!!!!!!

Detective: Shadow, put him in jail for tonight. Just in case we need him.

Assistant: Yes, Sir!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (siren sound).

### Scene 3

**So, they went back to the police station and put Red Nose in jail. After that, they discuss the murder case.**

Detective: HUUUUUmmmmmmmmmm(thinking) It must be the secretary. It can be her. There's a possibility. She was alone in the house.

Assistant: Or someone asked her to do that.

Detective: Let's go, Shadow!!!!!!!!!!!!!!

Assistant: Yes. Let's go!!!!!!!!!!!!!!

So they decide to go to the Touch's house without telephoning before. Quietly, step by step, they approach to the Touch's house and through the kitchen window they see Mr. Touch kissing Ms Strange Painful in the mouth holding a crystal glass of champagne in their hands (close curtains).

THE END

Os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação desenvolveram vários trabalhos de produção textual na língua estrangeira, Inglês, ao longo do ano letivo de 2004. As produções escritas, que envolveram desde a produção de pequenos diálogos e histórias, visaram à produção e apresentação de uma pequena peça teatral e seu folder de apresentação. Para tanto, foram planejados os seguintes procedimentos pedagógicos para que as atividades preparatórias pudessem dar condições aos alunos de produzirem a peça teatral:

<p><b>1. General language preparation</b>  <b>Focus on form:</b>  Present tense  Past tense  Question forms  Opening&amp;closing conversations  <b>Studying different genre:</b>  Narratives  Descriptions and Dialogues in Comic strips &amp; Short stories  <b>Constructing different texts:</b>  In groups, pairs, and individually</p>	<p><b>2. Writing the play</b>  The teacher offers the students a problem-solving situation. Based on the characteristics of each character of the play, the students have to create a plot for a story in which one of the characters is killed.</p> <p><b>1. Planning stage</b>  In small groups the students brainstorm ideas for the play based on the characteristics of each character.</p> <p><b>2. Drafting stage</b>  Students write the 1<sup>st</sup> draft in small groups.</p> <p><b>3. Responding stage</b>  Teacher responds orally and individually to each group's draft.</p> <p><b>4. Revising stage</b>  Students brainstorm ideas again and review their draft.  Groups share ideas, interweave them and write one draft for the whole group.  Teacher responds writing comments/suggestions  The students revise their draft.</p> <p><b>5. Editing stage</b>  The students edit the play</p> <p><b>6. Post-writing</b>  The students present the play</p>	<p><b>3. Presenting the play</b>  <b>1. Preparation for presentation</b>  Selection of materials / objects / sound track  Production of leaflets and materials  Rehearsal of talks</p> <p><b>2. Presentation</b>  Exhibition  Videotaping</p> <p><b>3. Evaluation</b>  Review of video  Discussion and free comments</p>
--	---	--

Marimar da Silva  
Professora-orientadora/ Língua Inglesa  
Ensino Fundamental  
2004



### Aí, gatinha

Tipo assim, tenho uma parada muito séria pra te dizer.

Tá ligada naquele show do Bruno e Marrone no El Divino Café, tipo aquele tubo de lança subiu na cabeça, daí começou a rolar a nossa música, aquela assim: *...do jeito que você me olha vai dar namoro...* Cara, passou uma ruiva, vou te contar, altas potranca, acabou rolando um beijo, mas foi só coisa de momento. É só contigo que rola química.

Então, neném, sabes que a nossa parada é muito forte. Desculpa, como te disse foi só um beijo, um não, dois. Sabes como é, ela tava facinha, facinha, só cheguei e dá-lhe.

Então, lindona, sabes meu telefone, se quiseres conversar, estamos aí.

Beijos, gata  
do seu Rodolfão

Janaína Pompílio  
Michele Elaine Wazlawick

1ª série A

### Ao meu amor diferente

Sei que esta não é a primeira carta que te escrevo e mesmo você não correspondendo a esse meu amor diferente, não consigo te tirar da minha alma, Carol.

Quando te vejo passar na rua esqueço os preconceitos e fico te admirando até você sair do alcance da minha visão e dos meus braços.

Deve ser estranho para você receber cartas de amor tão avassaladoras de uma outra mulher. Mas já que você não pode me corresponder, deixe-me ao menos ter o prazer de te mandar estas pequenas linhas escritas com tanto amor. Pois se ao menos eu não tiver esse único prazer, o que me estimularia a viver?

Com essa pergunta, encerro minha humilde carta.

Com amor,  
Paula.

Ceres dos Santos Dutra  
Tamiles dos S. Ferreira  
1ª série D

## 15 de setembro de 1338

Queridíssimo Frederico

Tenho passado minhas longas noites frias em claro ao imaginar quanta felicidade poderíamos ter vivido juntos! Meus olhos se enchem de lágrimas ao lembrar-me de seus doces beijos e seus calorosos abraços em dias de frio.

A realidade, porém, é dilacerante ao ponto de destruir lindos sonhos de amor. Meu arbitrário pai, ignorando meus nobres sentimentos, obriga-me a casar com um vil amigo seu. Tremo com a simples possibilidade de um outro homem, que não você, tocar meus lábios. O destino não aceitou nosso amor em suas sinuosas linhas.

Pergunto-me a todo instante o que será da minha vida sem você! Já calculei mitculosamente todas as possibilidades de uma fuga ao seu lado. No mesmo instante, porém, dou-me conta de que a fúria de meu pai seria de tal tamanho que toda a Europa viria em nosso encalço.

Espero que recorde-se de nossos lindos momentos com carinho e alegria. Quanto a mim, durante as noites sem estrelas e os dias de escuridão, a única luz que encontrarei será na lembrança do brilho do teu olhar.

Beijo-te carinhosamente pela última vez.

Catarina

Camila Maria de Souza  
Camila Neves Petropulos  
1ª série C

---

As cartas de amor selecionadas foram produzidas em sala de aula, como exercício da função emotiva da linguagem. Orientou-se os alunos para que imaginassem dois tipos de situação: uma relação amorosa convencional, em que o remetente expressasse os seus sentimentos de forma exacerbada, piégas, ou uma situação amorosa menos lugar-comum. Os textos foram lidos e comentados em sala.

Ana Maria Sabino  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Médio  
2004

## Uma prova de que perdas podem ser ganhos

Aos 63 anos, a escritora gaúcha Lya Luft não encerrou ainda sua carreira literária, e, segundo ela, não será colocado um ponto final em tal carreira até que seja colocado um ponto final em sua própria vida. Depois de 20 anos no “ramo literário”, Lya já publicou 14 livros que abordam diversificados temas e atingem faixas etárias diversificadas. *Perdas e Ganhos*, lançado no ano passado, está na 25ª edição e ruma para os 400 mil exemplares vendidos, o que o colocou na lista dos mais vendidos, desbancando outros grandes autores, inclusive Paulo Coelho.

Segundo a autora, sua obra não se trata de romance, crônica, ensaio ou ficção. Muito menos auto-ajuda: “Não quero ajudar ninguém”. Também não se trata de ensinamentos: “Não os tenho para dar”, diz a autora. De que se trata então a obra?

Superficialmente, a obra fala dos conflitos do ser humano, das crises e alegrias de cada um, e, sobretudo, deixa sempre muito claro que cada caso é único, singular. Fala muito sobre a “arte de reivindicar a vida”, descobrir como é boa cada etapa.

O livro aborda a infância, a família, seus problemas e alegrias, a vida profissional, o casamento, o relacionamento com o parceiro, com amigos e filhos, a velhice e a maturidade, a experiência de vida e perdas que podem, algumas vezes, se reverterem em ganhos. Bastante otimista, deixa claro que somos bons, importantes e capazes, mas também que muitas vezes somos fúteis, medíocres e covardes e, com medo do preço que precisamos pagar, somos menos felizes do que poderíamos ser.

A obra ajuda a pessoa a pensar, mas apesar do otimismo sempre presente, dá muito valor à tecnologia “não podemos nos privar dela, não podemos nos privar dos computadores”, por exemplo. Se é mais fácil a digitação, para que utilizar a “velha caneta”?! Ela ainda coloca muito a sua vida pessoal. Lados negativos.

A mensagem que nos passa é de que temos que ser nós mesmos, se tiver que ficar triste, fique, mas pense em uma maneira prática para reverter aquela tristeza. Temos de viver intensamente, cada segundo é único, irreversível. Cada vida é única. Cada fase é única, temos de extrair dela coisas boas para levar consigo, e, até mesmo as coisas ruins, que nos servirão como lição para outras etapas a serem vencidas.

A vida é sempre a nossa vida, aos 12, aos 30, aos 70 anos. Dela podemos fazer alguma coisa mesmo quando nos dizem não. Dentro dos limites, do possível, do sensato (até algumas vezes do insensato), podemos. Só seremos nada se acharmos que merecemos menos de tudo que ainda é possível obter.

### Os caminhos para o outro mundo

Eu li o livro *Brida*, de Paulo Coelho, um grande autor conhecido mundialmente pelos seus incríveis livros de magias.

Escolhi esse livro, pois obviamente gosto muito desses assuntos, desde pequena sou acostumada com essas coisas místicas à minha volta.

O livro não tinha a aparência muito boa. Como o peguei na biblioteca, ele já está meio velho, com as páginas caíndo... Mas a letra é boa e a forma como foi escrito é ótima.

*Brida* é uma mulher que desde pequena vê e sente coisas diferentes dos outros, e resolve se iniciar na magia. Conhece um mago muito respeitado nesse ramo que lhe dá duas opções: Tradição do Sol e Tradição da Lua. Ela escolhe a Tradição da Lua, na qual seu mestre é uma mulher chamada Wicca. No decorrer da história, *Brida* vai conhecendo os caminhos para esse mundo cheio de mistérios.

A magia é um tema muito delicado de se entender e discutir, pois mexe muito com a fé das pessoas; é mais ou menos assim, acredita-se ou não.

Mas na minha opinião hoje assuntos esotéricos estão em alta na nossa vida, por exemplo: quando você caminha pela cidade, você vê muitas lojas místicas, muitos lugares para ver o futuro e essas coisas. Até na novela da Globo, no batizado das filhas da Darlene, apareceu a religião Wicca, muito conhecida aqui na ilha pelas bruxas nativas.

A história de *Brida* é muito parecida com a vida das pessoas que querem e se iniciam na magia. Há uns filmes muitos legais sobre esses assuntos: *Da magia à sedução*, *As brumas de Avalon*... E em termos de música, tem uma banda bem famosa aqui da ilha, *Dazaranha*, que em algumas de suas músicas trata desse assunto.

Gostei muito desse livro porque é uma história real, então você fica mais segura sobre ele, e se empolga ainda mais na leitura. Assuntos sobre bruxaria deviam sair dos contos de fadas e ir para a vida das pessoas, de onde eles nunca deveriam ter saído. Pois, afinal, quando falamos em *Bruxa*, não estamos falando de uma pessoa verde, nariguda, em cima de uma vassoura, mas sim, falamos de uma pessoa normal que tenta resgatar uma cultura que há muito tempo foi tirada de nós, com a inquisição.

Camila Claudino de Oliveira  
1ª série B

## O tempo no tempo

Apesar de o tempo ser tratado como algo abstrato e monótono, Philippa Pearce nos faz ter outros pontos de vista sobre ele, nos fazendo pensar com perguntas do tipo: “O que é o tempo?” “É possível voltar no tempo?”. A princípio só filósofos se indagam sobre isso fazendo suas teorias, porém a escritora cria uma inteligente e interessante história, nos fazendo viajar através dos tempos.

Philippa Pearce, nascida em 1920, na Inglaterra, trabalhou primeiramente como produtora para um canal de televisão (BBC) e somente mais tarde descobriu sua verdadeira vocação. *O Jardim da Meia Noite* foi uma de suas primeiras obras, produzida em 1958. Dentre seus inúmeros livros se encontram: *O Fantasma do Quarto de Annie*, *Freddy*, *No Meio da Noite*, *A Rua de Elm*, *A Beleza e a Besta*, *O Elefante de Emily* e a sua mais nova obra lançada no começo deste ano: *O Pequeno Cavaleiro*. *O Jardim da Meia Noite* foi o livro com o qual a autora ganhou vários prêmios na Inglaterra, entre eles o de mais vendido (bestseller). Este livro foi muito especial para Philippa, pois foi nele que ela incorporou suas inesquecíveis experiências de infância.

O livro conta a história de um menino que, por um imprevisto, teve que passar suas férias de verão na casa dos tios. Descobre um adorável jardim mágico que aparece somente para ele depois da meia-noite, e lá vive suas inacreditáveis aventuras ao lado de uma amiga.

O tempo não se atrasa, o tempo não se adianta, mas nesse mundo, que é o mundo dos livros, tudo pode acontecer. Tom, o menino, vive num passado e num presente. O presente representado pela casa de seus pais e o passado representado pelo jardim. O que é realidade? O que é imaginação? O tempo não tem tempo, por isso é tão difícil de ser explicado cientificamente. O tempo é a duração de toda a nossa existência: passado, presente, futuro. Tom vive no tempo, um tempo diferente, intermediado por seus próprios sonhos, ou por pura realidade? Quem sabe ele possa estar rondando os sonhos de alguém. É embalado nesses pensamentos que a viagem de Tom se torna infinita, assim como o tempo que se perde em sua grandeza.

## Mudanças são inevitáveis

O livro *Quem Mexeu No Meu Queijo*, escrito por Spencer Johnson, é conhecido mundialmente e vem ajudando muitas pessoas a superar algumas dificuldades de suas vidas. Ele foi traduzido para vinte e seis línguas diferentes, e chama a atenção de leitores de quase todas as idades devido a sua estrutura (pequeno e com letras grandes), seu título e sua moral.

O livro conta a história de dois ratinhos e dois homenzinhos, todos com um mesmo objetivo: achar seu queijo. No entanto, depois de achá-lo, os dois homenzinhos pensaram que o queijo nunca ia acabar, mas ele acaba, e os dois ficam perdidos. O mesmo aconteceu com os ratinhos, mas eles aceitaram a mudança e foram atrás do novo queijo. Somente depois de algum tempo um dos homenzinhos vai atrás do novo queijo e o outro, não se sabe o que fez.

Essa história simples traz, por trás, uma mensagem séria, importante e que se leva para toda a vida: a de que não se deve desistir quando acontece uma mudança em nossa vida, mas sim seguir em frente e superá-la, pois algo melhor deverá acontecer.

Esse livro é mais recomendado para pessoas mais velhas e não para adolescentes devido essa mensagem que ele quer passar, pois geralmente os adolescentes aceitam as mudanças mais facilmente do que os adultos, que ficam se lamentando e esquecem de que algo melhor pode acontecer. Pode-se dizer que é um livro de auto-ajuda.

Uma “coisa” diferente e interessante que tem no livro são os depoimentos de pessoas que o leram e falam no que ele as ajudou em suas vidas, além, ainda, do debate que ocorreu entre amigos sobre o livro.

A mensagem que o livro traz leva-se para a vida toda e quer resumidamente dizer: “Quando se fecha uma porta, outra melhor se abrirá diante de você e para não perdê-la, não olhe para a porta fechada durante muito tempo, porque se não a que foi aberta também se fechará”.

Juliana Santos de Souza  
1ª série B

---

No terceiro trimestre de 2004, nos 1ºs anos do Ensino Médio, o trabalho de leitura foi organizado no sentido de estimular o/a aluno/a a ler/construir/descobrir o seu gênero de leitura. Por essa razão, a escolha do livro foi feita pelo aluno. Além dessa questão, foi preocupação da professora orientar o olhar do/a o/a aluno/a na perspectiva do diálogo com o texto.

Ana Maria Sabino  
Professora-orientadora/ Língua Portuguesa  
Ensino Médio

2004

## O que é liberdade?

No filme *Blade Runner*, podemos observar como o mundo será horrível daqui um tempo, devido à poluição causada por nós humanos, que propriamente o destruimos. Através disso podemos perceber claramente que o andróide Roy, sofreu uma fatalidade que já era prevista para ele, mas que não poderia ser modificada, pois, tinha plena necessidade de acontecer. Podíamos verificar que ele não era completamente livre, pois, foi determinado a essa função, sem nenhuma forma de mudanças ou modificações. Ele não era completamente livre por causa de uma coisa: viveria somente 4 anos, o que fez que ele saísse de sua colônia e viesse para a Terra, com a intenção de encontrar uma maneira para viver mais de 4 anos, tanto que ele poderia ter matado Deckard, que seria considerado seu inimigo, por ter matado todos seus amigos andróides inclusive sua namorada. Mas Roy sabia que sua hora já havia chegado e não adiantaria nada acabar com a vida de Deckard, pois, de qualquer forma não haveria tempo para conseguir conquistar sua tão desejada liberdade.

Na minha opinião a definição aristotélica-satreana corresponde ao agir de alguns personagens, principalmente os andróides que não tem plena liberdade. A vida está regida pela necessidade, que pode ser prevista mas não modificada, e também na qual se opõe à contingência (que não tem escolha deliberada e é imprevisível, mas modificável). Eu também concordo que os andróides têm em si mesmos o princípio para agir ou não agir, mas a sua liberdade é limitada não tendo, assim, a capacidade de se realizarem sem encontrarem obstáculos. E acho que eles não estão presos ao necessário ou à necessidade, mesmo quando eles sofrem a ação de uma causa externa que os obriga a agir de uma determinada maneira, ao contrário do ato voluntário. Mas mesmo assim eles são causa de si, isto é, causa integral de suas próprias ações.

Marineide Ely  
1ª série A

## Liberdade da tecnologia. Até que ponto vai...?

Bom, escolhi a personagem Rachel, que assim como as outras é uma andróide. O fato de ela ser uma andróide foi uma ação determinada de quem a criou, no entanto não foi por acaso.

A construção, a ciência tecnológica dos andróides foi um ato pensado. O “criador” (assim chamamos o personagem), como os seres humanos na vida real, tem a liberdade, ou seja, a escolha incondicional o que faz de seu ser e de seu mundo.

Após ter sido desenvolvida tecnologicamente, Rachel passa a ter uma vida controlada, consciente de que viveria por quatro anos, isso é o determinismo, pois assim foi determinado pelo “criador”. Mas para ela é contingência. Ela vive naquela época, naquele tempo, numa sociedade imprevisível, mutável e o tal criador pode ou não mudar o seu destino.

O fato da personagem se apaixonar pelo policial também é uma contingência. O amor foi um sentimento desenvolvido por eles e que era imprevisível, pois não foram criados para sentir, ter emoções e sim, para obedecer ordens.

Rachel estava naquela situação, era uma andróide sabia que ia morrer, mas não se conformava, lutou pela sua permanência, pela sua existência.

Neste caso ela é livre enquanto vivia a sua realidade, o seu presente, enquanto lutava e exercia a sua vontade.

Assim, corresponderia com a definição aristotélica-sartreana, pois estava auto-determinada no momento em que optou por não se conformar.

No entanto não há liberdade de ação absoluta, como também as predeterminações. Ela age de acordo com as circunstâncias que vive, no mundo, época, situação...

Não podemos predeterminar o que pode ser mudado a partir do momento em que tomamos parte ativa, agindo na sociedade como um todo.

Priscilla T. Becsi

1ª série C

---

Estes trabalhos são a avaliação de fechamento da Unidade II. O conteúdo trabalhado foi o conceito de liberdade, definido dentro dos limites próprios da problemática filosófica. Para isso, trabalhamos com textos do livro *Filosofia* de M. Chauí e a projeção dos filmes: *Tempos modernos* de Chaplin e *Blade Runner* de R. Scott. As estratégias para a construção do conceito foram a análise teórica deste e reconhecimento de seus desdobramentos em situações concretas. Estas estratégias didáticas foram possíveis só pela oportunidade do trabalho conjunto com os professores Danuza Meneghello (Geografia), Sandra Mendonça (Geografia) e Rodolfo Pantel (História) na recuperação de aulas, realizada após a greve contra a PEC 40 (2003).

Leandro Cisneros  
Professor-orientador/ Filosofia  
Ensino Médio  
2003



## **Análise do filme Matrix**

Ao analisar o filme Matrix percebe-se que o autor teve uma atitude filosófica e uma grande criatividade ao criar o mundo Matrix.

Acredito que o autor tinha a intenção de nos fazer questionar acerca da realidade e de criar um pensamento filosófico em nossa mente. Ele coloca em questão as evidências do cotidiano no filme, evidências como: o tempo, o real, a verdade, a mentira, o sonho, a velocidade, a força, a gravidade, coisas que aceitamos como óbvias, mesmo sem questionarmos.

Analisando de outra maneira, podemos observar que Matrix trata-se de um mito, uma narrativa sobre a origem do mundo de Matrix, a era virtual onde as máquinas dominaram o homem. A idéia de Matrix é tão bem estruturada que é incontestável e inquestionável para quem não tem uma visão crítica.

Neo, após ter levado disparos do agente Smith e ser dado como morto, levanta-se passando a desacreditar na gravidade, na força e na velocidade, tornando-se capaz de enfrentar o agente Smith e exterminá-lo. A partir daí ele passa a não acreditar nas coisas como óbvias, fugindo do senso comum e das crenças silenciosas, mas só conseguiu por que se questionava constantemente sobre o que era “real” e o que era sonho.

O oráculo apresentava um pensamento religioso e todos acreditavam nele porque a confiança e a crença no mito vinham da sua autoridade religiosa. Morfeu diz a Neo que o oráculo diz o que precisamos ouvir. Neo, ao contrário apresenta um pensamento racional, pois se questionava sobre o real. Neo afirma que não acredita em destino e em profecia. Não gosta da idéia de ser manipulado. Não acredita na autoridade da explicação, mas na razão que é a mesma em todos os seres humanos.

Israel Honorato Dutra  
1ª série B

## Filosofia: Mito e Ciência em Matrix

(...) Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc... (...))

(Marilena Chauí)

E por que não da Matrix?

“Neo recebe a primeira instrução de sua iniciadora: Trinity. Que lhe diz como se estalasse os dedos: “Acorde Neo!”. O personagem principal do filme como todos os outros que se iluminaram antes dele, procurava a resposta nas palavras de Trinity: “A pergunta que nos impulsiona”.”

Ao questionamento do discípulo (Neo), sobre o que é verdade, Morpheus continua implacavelmente, dizendo que a verdade é “Que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu num cativeiro, nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para sua mente. Infelizmente é impossível dizer o que é Matrix. Você tem de ver por si mesmo”. Nesse momento, então, ele oferece a Neo uma pílula azul, para conservar o sonho, e outra vermelha, para mudar sua percepção da realidade. A cor da primeira pílula, o azul, é associada ao conservadorismo, no mesmo sentido de sangue real, ou azul das antigas monarquias européias. A cor da segunda é vermelha, relacionada às transformações revolucionárias violentas, associada a mudanças radicais. Morpheus, o mestre, tem a chave que abre as portas para o real; mas Neo, o discípulo, tem que fazer a escolha.

Neo: Por que meus olhos doem?  
Morpheus: Porque você nunca os usou antes.

(Diálogo do filme “Matrix”)

O filme *Matrix* pode ser interpretado de várias formas – da discussão óbvia sobre a relação homem-tecnologia, até mesmo às metáforas míticas e cristãs, passando ainda pela crítica à sociedade das aparências e falsidades, das pessoas subjugadas pelo “sistema”. Mas a questão mais perturbadora do filme é a que coloca e discute o conceito de realidade e talvez a ligação com os mitos.

Assistindo ao filme, fica nítida a imagem que um dos modelos (padrões) - do herói mitológico – muito utilizado na época do Jesus bíblico, geralmente associado a determinados imperadores, heróis ou semideuses – permeia toda a trama. No caso em questão, o modelo utilizado é o do messias, que podemos resumir da seguinte forma: Um redentor esperado, de nascimento virginal, a traição por parte de um de seus companheiros, a luta contra as forças do mal, a morte e a ressurreição e finalmente, a ascensão aos céus.

O personagem que oferece a Neo a possibilidade de conhecer a verdade se chama Morpheus, figura da mitologia grega que é o guardião do sono, no filme, “desta realidade”. Também não podemos esquecer que o filme, ou qualquer outra criação cinematográfica não deixa de ser um mito – mito moderno – porém um mito.

E se tudo que você vê for apenas uma simulação de computador? O filme *Matrix* provoca esta idéia, com a ajuda de surpreendentes efeitos visuais – criados justamente por computadores, e que parecem incrivelmente reais.

(...) “talvez nossa tecnologia se torne a verdadeira *Matrix*, e nós tenhamos inadvertidamente liberado o frasco da coisa verde no planeta” (...)  
(John Gaeta, supervisor de efeitos visuais do filme *Matrix*)

Existem várias opiniões sobre este tema, conseqüentemente várias divergências. A principal análise do tipo científica é feita pelo personagem Neo. Porque a pergunta: O que é *Matrix*? (o questionamento feito por Neo), no final das contas pode ser comparada a grande e também principal pergunta feita pela ciência: O que é Universo? O que realmente é o Universo?

É lógico que ao longo do filme existem várias outras análises científicas (já que o filme se trata de uma ficção científica), mas nenhuma delas é tão relevante como a acima citada. Mesmo assim vou citar outro exemplo. Observando o diálogo entre

Cypher (traidor, o Judas) e o agente Smith, podemos notar algo interessante: Estou dentro da Matrix. Como é que eu posso saber qual é o gosto de certas comidas, o cheiro de determinados perfumes? A própria existência da ciência é questionada. Cypher nos deixa a entender o óbvio: gosto e cheiro são simplesmente jogados dentro de nossa mente, talvez, aleatoriamente.

Antes de mais nada, em breve retrospectiva, vale lembrar que o mito da criatura construída pelo homem e que escapa ao seu poder nasceu com Mary Shelley em *Frankenstein*. A partir daí surgiram várias adaptações...

O homem sempre desejou recriar a si mesmo. O fato é que os robôs sempre nos fascinaram e sempre estivemos dispostos a conhecer mais sobre eles e tentar criá-los à nossa imagem e semelhança. E nunca nos veio à mente que a própria humanidade poderia ser destruída ou prejudicada por tais robôs.

Matrix beira, diretamente, este conceito. Ao final da trilogia descobrimos que estamos diante de uma civilização de “máquinas-Frankenstein”, que se formaram dos primeiros robôs construídos pela humanidade e que se revoltaram contra ela. Tais máquinas supostamente inteligentes (IA), controlam um super-ultra software que ilude as mentes de toda uma humanidade escravizada física e mentalmente, enquanto suga sua energia. Esta civilização de máquinas além de ter escravizado seu criador – o homem – ainda guerreia contra os poucos remanescentes do homem ainda livres. Significa talvez, o desejo da criatura no extermínio de toda a liberdade de seu criador. “É sempre tarde demais quando nos damos conta do que fizemos”.

(...) O que é Matrix? Controle. A Matrix é um mundo de sonhos gerado por computador... feito para nos controlar... (...)

(Trecho da revelação feita por Morpheus a Neo)

Se o contrário de real é o irreal, então qual é o contrário de virtual? Se ainda existe alguma dúvida quanto à relação deste filme e a filosofia, a resposta é: *Tudo*. Quem expõe uma análise do tipo filosófica: *Todos*.

O filme começa com a pergunta: “*O que é Matrix?*”. Então temos o diálogo entre Trinity e Neo... ela lhe diz: “*É a pergunta que nos impulsiona, Neo*. Foi a pergunta que te trouxe aqui. Você conhece a pergunta assim como eu”. E Neo: “- O que é a Matrix?”.

Em seguida, Trinity diz: “– Sim, a resposta está aí. Ela está à sua procura. E te encontrará se você desejar”. Mas onde está a relação deste diálogo coma filosofia? Bem, a filosofia, o pensamento crítico, surgiu na Grécia Antiga, como uma alternativa, como uma alternativa ao pensamento ingênuo – mito – e começa com a pergunta: *O que é realidade?*

Depois, de sua visita ao Oráculo, Neo passou a abordar as pessoas e a discutir com elas os mais variados assuntos, no intuito de achar alguém que fosse realmente sábio, já que ele se achava que nada sabia. Nestes diálogos, sempre colocava em prática as suas máximas: “*Só sei que nada sei*” e “*Conhece-te a ti mesmo*”. Afinal, “as aparências enganam”, e não queremos ser enganados por elas. Certo?... Certo, menos, é claro, para os partidários de Cypher – o traidor.

Levando em conta todos estes aspectos – raciocínios – aqui citados, conclui-se que a análise do tipo filosófica também é feita pelo Oráculo em seu único diálogo com Neo no filme. Este diálogo foi o ponto de partida para o surgimento das perguntas de Neo. A partir destas perguntas Neo filosofou ou seja, exibiu seus pontos de vista, frente aos diversos acontecimentos, questionou, fugiu do senso comum, raciocinou. Perguntas que obtiveram respostas e não deixaram de ter um peso enorme com o acontecido: O despertar para com a realidade. E é neste ponto que chegamos a um dos principais questionamentos filosóficos da humanidade.

Afinal, o que é mesmo realidade?

João Clemente Wuerges  
1ª série B

---

Estes são trabalhos de avaliação, feitos por estudantes das 1<sup>as</sup> séries/2004, encaminhados como atividade de fechamento de Unidade I. O conteúdo trabalhado foi o conceito de Filosofia, visando as origens desta atividade de pesquisa; as diferenças e relações entre o conhecimento mítico, conhecimento científico e filosófico; e a filosofia como um pensamento e uma atitude crítica perante o cotidiano. Para isso, trabalhamos com textos do livro *Filosofia* de M. Chauí e a projeção do filme *Matrix*. A estratégia para a construção do conceito foi: a) análise teórica destes conceito e b) reconhecimento dele e seus desdobramentos em situações concretas, no filme e no nosso dia a dia, estabelecendo a ida e volta entre teoria e prática.

Leandro Cisneros  
Professor-orientador/ Filosofia  
Ensino Médio  
2004

### Limites?

Tudo tem limite  
Em nossas vidas  
Tudo é limitado,  
Regulado, privado  
Em nossas vidas  
Somos submetidos todos os dias  
A regras impostas pela sociedade

Tudo tem limite  
Mas nem sempre é respeitado  
Há alguém que duvide  
Tiro meu chapéu e meu casaco

Tudo tem limite  
Até mesmo paciência  
Se o povo permite  
Sentirá a penitência

Não teste o limite da sua paciência  
Mostre atitude e um pouco de consciência  
Rebeldia em dosagem  
Só faz melhorar  
Porém em excesso  
Pode piorar

É que sem limites  
O Brasil aí está  
E as lágrimas das crianças  
Como cachoeiras a derramar  
Num país que tanto produz  
O número da fome nunca reduz

Não teste sua paciência  
E nem se confunda com as aparências...  
Tudo tem limites.

Gabriel Stroichs da Costa  
Fernando Ferreira  
2ª série B

## Liberdade: tão longe e tão perto

É difícil definir o que é a liberdade ou o quanto ela está presente em nossas vidas. Todos nós nos achamos livres e capazes de tomar nossas próprias decisões sem a interferência alheia. Porém, se pararmos pra pensar, tudo que fazemos, dizemos ou acreditamos está baseados em influências que a sociedade tem sobre nós.

Vivemos num mundo onde nos são impostos padrões de beleza, padrões sociais e leis, o que nos fazem refletir se somos realmente livres.

Provavelmente há por aí, muita gente insatisfeita com a vida, o emprego, com preconceitos que sofre ou com as besteiras que são ditas por aí. Porém, quantas dessas pessoas expõem seus pensamentos e suas revoltas? Com certeza, poucas. Hoje em dia, o ser humano está mais medroso e com mais receio de reclamar do que não gosta.

E então? Será que somos todos livres mesmo?

No fundo, essa que acreditamos ter é ilusória. Tudo bem, a época da ditadura já passou! Vivemos agora numa sociedade “liberal”. Isso é uma ironia mesmo. Ser livre não é apenas pensar, vestir e fazer o que quer. É mais que isso! É fazer essas coisas, porém sem enfrentar o preconceito da mente alienada das pessoas com quem convivemos, estas, que se dizem liberais.

Essa liberdade ilusória é o que nos acomoda e nos faz acreditar que somos cada um por si e o que não nos atinge, também não nos incomoda.

É engraçado, porque vivemos todos no mesmo mundo, somos todos seres humanos, porém somos tão egoístas!

Na cabeça da grande maioria, somos todos livres e incapazes de fazer algo para lutar pelos nossos direitos. Muitos preferem fechar a boca, os olhos e ouvidos para justificar sua falta de atitude.

Então, acho que a liberdade está muito distante e somos muito inexperientes para falar sobre ela. Enquanto isso, vamos tentando...

## Ratatatá

Minha vida se resume nisso  
Casaco, pulseira, bolsinha  
Calça, revista e festinha

Vejo em mim um buraco  
Sem fundo  
Um abismo escuro  
Profundo

Falta o outro  
Falta ser o outro  
Falta em mim  
Aquilo mesmo que me massifica  
E me torna igual ao todo

Faço parte de um teatro  
De marionetes bem moldados  
Bonecos de um mesmo formato  
Pintados, cortados e engomados

Vivo assim alienado  
Ouvindo no rádio  
Mais uma guerra no morro  
Mais um tiro fatal  
E a vítima afinal  
Mais um marginal  
Mas para mim, isso é normal  
Não foi comigo, então, tchau!

Minha vida se resume nisso  
Casaco, pulseira, bolsinha  
Calça, revista e festinha

Até que em uma noite estrelada  
O shopping era a jogada  
Só se via a correria  
E era ela mesma  
Uma donzela lançada ao chão  
De blusinha branca com um vermelhão

Se no morro tinha sido o bandido  
Agora era comigo



### **Minha liberdade aprisionada**

Nesta sociedade de falsas aparências  
Vivemos aprisionados na enganação da liberdade  
Aprisionados não por regras escritas  
Mas regras faladas e pensadas

Somos condenados a seguir assombrosa lei  
Sou livre para pensar, mas não posso me expressar  
Sou livre para vestir, não como quero  
Mas como mandam, como pensam, como querem

Sou livre como passarinho  
Passarinho preso em gaiola imaginária  
Invisível gaiola que o prende  
E me prende

Felipe Edemilson Cardoso  
2º série D

---

Esta atividade foi desenvolvida no início do ano letivo de 2004, após uma semana de debates entre professores, pais, alunos e especialistas da escola sobre as regras a serem seguidas no contexto escolar.

Os alunos foram levados ao auditório do Colégio no primeiro dia de aula de Português, para lerem, interpretarem e discutirem o livro “O sapato que sabia andar”, de Luiz Vitor Martinello, usando-se o recurso do datashow.

Seguiu-se na aula posterior, um debate sobre Limites, Liberdade e Regras. Após as discussões os alunos procederam à elaboração de textos de gênero livre sobre o tema discutido.

Heliete Schutz Millack  
Professor-orientador/ Língua Portuguesa  
Ensino Médio  
2004

## É para brasileiro nenhum botar defeito

Inspirado em um clássico árcade, o filme *Caramuru – A invenção do Brasil*, sai melhor que a encomenda. Irônica comédia que traz às telinhas dos cinemas a história do “descobrimento” do Brasil. Focaliza o interesse constantes de estrangeiros (principalmente portugueses), nas riquezas brasileiras.

Com uma linguagem bem moderna e rebuscada, mostra a imagem de um índio esperto que tem jogo de cintura para se livrar das falcatruas portuguesas e francesas, mas ao mesmo tempo traz à tona, aquela velha e imortal imagem de que o índio brasileiro é um tanto preguiçoso.

O autor utiliza paradoxos, como a ingenuidade das índias brasileiras e a malícia e ganância das mulheres francesas, para dar ainda mais graça ao filme.

No filme, a história árcade “Caramuru”, sofre algumas modificações, que se entendem necessárias para certas adaptações de roteiro. Mas ainda assim podemos considerar que é um filme extremamente didático, com citações de poemas, grandes artistas e pintores.

Assim como em *O alto da compadecida*, e em *Lisbela e o prisioneiro*, Selton Mello (ator protagonista nos três filmes), dá uma essência toda especial ao filme com sua graça e com parceria de um belo elenco.

*Caramuru – A invenção do Brasil*, é um filme, então, para brasileiro nenhum botar defeito, pois também é cheio de graça e ginga.

Clarice da Costa Lopes  
Marina da Costa Pereira  
2ª série B

## A invenção cômica

*Caramuru* é uma obra que possui muitas características do Arcadismo. No filme é utilizada uma linguagem simples e direta, muito diferente de outro filme brasileiro: *Cidade de Deus*, onde é utilizada uma linguagem cotidiana, com gírias e diferentes expressões incomum ao filme *Caramuru*. Já em relação ao cenário, percebe-se uma paisagem diferente dos demais filmes nacionais. Em *Caramuru* Diogo Álvares é um jovem pintor que é deportado para as Índias. Porém, no meio do caminho acontece um naufrágio e Diogo Álvares chega em terras desconhecidas e é recebido por Paraguaçu. Nessas terras ele vive por algum tempo e mais tarde Diogo retorna à Europa e lá casa-se com Paraguaçu.

*Caramuru* começou como um seriado e com tamanho sucesso foi lançado o filme com roteiro de Jorge Furtado e Guel Araes. Foi baseado no poema épico do descobrimento da Bahia, de Santa Rita Durão, autor árcade do século XVIII. Tem como atores principais Selton Mello como Diogo Álvares, Camila Pitanga como Paraguaçu e Débora Secco como Mema, que formam um triângulo amoroso cômico, mostrando a ingenuidade indígena e a esperteza e a malícia do povo europeu. *Caramuru a invenção do Brasil* é uma maneira divertida para lembrarmos a história de nosso país.

Camila Schultz de Amorim  
Mayara Santana Damazio  
Wanony Valdete Martins  
2ª série C

---

Texto produzido no final do estudo do Arcadismo, como estilo literário. Primeiro houve uma contextualização e exploração dos temas e características árcades, por meio de aula participativa, leitura de textos e identificação de características através de exercícios e seminários. Na continuidade dos trabalhos foi passado o filme *Caramuru: A invenção do Brasil*, e foram feitas leituras de resenhas de filmes na Revista Veja, de datas variadas, observando roteiro, explorando forma e conteúdo desses textos. Só então, os alunos produziram em duplas, suas próprias resenhas sobre o filme assistido.

Heliete Schutz Millack  
Professor-orientador/ Língua Portuguesa  
Ensino Médio  
2004

## Cosa de otro mundo

Hace mucho tiempo, cuando el mundo aún estaba en una fase muy primitiva de formación, cuando ni existían los humanos en la tierra, ocurría un problema serio entre los animales. Todos estaban enfadados con la tristeza que dominaba la naturaleza. Eran pocos los colores que existían entre ellos. ¡Era necesario hacer algo!

En este tiempo ya existían las arañas y había un brujo araña muy inteligente que tuvo la idea de hacer un concurso de pintura para crear un nuevo ser con mucho más color, así la creación vencedora ganaría vida por medio de un hechizo del brujo. Todos los animales se quedaron contentos con la idea.

Y llegó el día del concurso. Había muchos concurrentes pero pocos tuvieron buenas ideas pues el enfado estaba muy presente entre ellos. Las mejores creaciones eran: la de la hormiga que había hecho su dibujo en un rato y tan perfecto que se olvidó de colorearlo, la del abejorro que hizo una verdadera obra de arte y quedó tan artístico que no había como ser real, la del pez que hizo una pintura en la medida, no se olvidó de casi nada, sólo mismo de dibujar todo en su debido lugar: la boca estaba en el lugar de los ojos y así por delante. La mejor de las mejores fue la creación de la mariposa que hizo un animal simple y al mismo tiempo artístico y de color. El nombre de la obra hecha por la vencedora era “Mariquita” que dio nombre al animal al cual iba a transformarse. El ser era tan delicado y simple cuanto su nombre. Era pequeño como la mayoría de los insectos, su cuerpo era todo redondo y tenía el color rojo.

Como estaban todos realmente muy enfadados el brujo araña, tras la decisión de los jueces, empezó el hechizo inmediatamente para dar vida al nuevo ser, pero el hechizo no hacía efecto en el mismo rato. Había que tener paciencia. Entonces de la noche para el día las mariquitas estarían listas para vivir.

En la mañana siguiente el brujo araña se despertó temprano para ver si el hechizo había salido bien pero ocurrió algo sospechoso. Debería haber diez mariquitas mientras que sólo había cinco. ¿Dónde estaban las otras?

El brujo quedó mucho tiempo de su vida buscándolas pero sólo en el último día de vida que él finalmente las encontró y no estaban intactas. Había ahora en ellas pequeños lunares negros. ¿Qué ocurrió? No sé sabe al cierto, pero hay algunos que creen que fue el primer contacto de los extraterrestres con el planeta Tierra.

Taiana Oliveira de Lima  
2ª série D

---

O texto acima foi criado após a leitura de um conto de Horacio Quiroga intitulado *Las medias de los Flamencos*, onde o autor cria uma fábula para justificar as características e o comportamento dos flamingos que conhecemos hoje em dia.

A proposta para a aula era, seguindo a idéia do autor, escrever um conto que justificasse alguma característica de um animal escolhido pelo aluno.

Eliane Elenice Jorge  
Professora-orientadora /Espanhol  
Ensino Médio

2004

*Sobre*

---

*Tudo*

---

### **Autorretrato**

Soy un hombre grande, pero no soy un gran hombre. Delgado de cuerpo y ancho de ideas. Ideas en mi cabeza así como mi pelo, ya no tan corto. Revolucionario como Ernesto Guevara, pero con más altura y sin ningún puro. Con aires indígenas del norte brasileño y su calor. Nacido en el sur, vivido en el calor, pero creado en el frío. A través de mis ojos castaños veo un mundo caótico. Con mis largas manos escribo (con muchos errores) la historia del mundo que veo. De los pies a la cabeza un hombre, de la mente al corazón un pensador. Pero repito, en mi gran tamaño, que soy un hombre grande pero no soy un gran hombre.

Thiago Umberto Pereira  
3ª série B

---

Após o estudo de retrato e auto-retrato os alunos dos 3ºs anos leram o auto-retrato poético de Pablo Neruda e a partir desta leitura criaram seus auto-retratos em sala, com o auxílio da professora.

Eliane Elenice Jorge  
Professora-orientadora /Espanhol  
Ensino Médio  
2004

### Getting Crazy

Women  
Around the world  
Women  
In a place  
Women  
Around me  
Women  
Inside me  
Nice women  
Pretty women  
Happy women  
Crazy women  
Women make me happy  
Women drive me crazy  
I'm not happy at all  
I'm getting crazy for all  
Women  
You can make the world beautiful  
But you  
Ever drive me crazy

Thiago Panchiniak  
3ª série B

---

O ensino de Língua Inglesa, do Ensino Médio, do CA tem como um dos objetivos preparar os alunos para compreenderem e produzirem textos escritos nesta língua estrangeira. Ao serem apresentados à forma textual poema durante o primeiro trimestre de 2004, os alunos do terceiro ano foram convidados a produzirem um poema com temática livre. Desta tarefa surgiram algumas obras dignas de publicação, entre elas a do Thiago Panchiniak.

Marimar da Silva  
Professora- orientadora/ Língua Inglesa  
Ensino Médio  
2004